



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR**

MARIA DE FÁTIMA FERREIRA

**EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO COM SÉRIES
INICIAIS NAS CLASSES MULTISSERIADAS**

CASTANHAL

2018

MARIA DE FÁTIMA FERREIRA

**EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO COM SÉRIES
INICIAIS NAS CLASSES MULTISSERIADAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Pedagogia, do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará (UFPA), como requisito parcial para a obtenção Grau de Licenciada Plena em Pedagogia, pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Lucas da Silva.

**CASTANHAL
2018**

MARIA DE FÁTIMA FERREIRA

**EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO COM SÉRIES INICIAIS NAS CLASSES
MULTISSERIADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica.

Data de aprovação: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo Lucas da Silva
Universidade Federal do Pará

Prof.

Prof.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a meu esposo Raimundo Nonato e aos meus filhos Cleiton Gabriel e Thiago Willian.

Maria de Fátima Ferreira

AGRADECIMENTOS

A Deus pela minha vida, por se fazer presente nos momentos de dificuldades e por ser minha fonte de luz onde sempre encontro resposta para resolver os meus problemas.

Especialmente ao meu esposo Raimundo Nonato que sempre esteve comigo e por ter sido paciente e companheiro em todas as horas.

Agradeço, intensamente, meu orientador professor Paulo Lucas pelos conhecimentos transmitidos e por ter me passado confiança para a conclusão deste trabalho. (Professor obrigado pela paciência que teve comigo, pois juntos, conseguimos vencer as barreiras encontradas durante o período de orientação).

Ao meu sobrinho Antônio Ailton, pelo apoio e boas energias que me proporcionou na construção desse trabalho.

Aos colegas de minha turma, principalmente Heloíse, Edilena, Thiago e Everaldo, pela amizade que construímos e por nos mantermos sempre juntos durante nossa formação, tanto na realização dos trabalhos acadêmicos quanto na superação de dificuldades que surgiam neste percurso. “Amigos para sempre”.

A senhora “Dorinha” que me acolheu em sua casa no início do curso.

Aos professores do curso, pelos conhecimentos aprendidos e também pelas críticas que só me trouxeram contribuições para minha vida acadêmica.

A querida (amiga) Aldinaléia Alves junto da SEMED (Secretaria Municipal de Educação) de Nova Timboteua, por terem me ajudado a ingressar na Universidade.

E finalmente ao PARFOR (Plano de Formação de Professores da Educação Básica), por ter me proporcionado essa oportunidade junto da UFPA (Universidade Federal do Para) que deixou grande legado de conhecimento, onde tive a o privilégio de realizar esse sonho, alcançar o Ensino Superior.

Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.

PAULO FREIRE.

RESUMO

Este trabalho discutirá a prática docente em classes multisseriadas na rede Municipal de Educação de Nova Timboteua/PA. As experiências foram vivenciadas na Escola José Carneiro da Silva, lecionadas especificamente nas turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse estudo objetiva analisar o processo de formação desses alunos a partir da experiência docente pessoal. A motivação para essa pesquisa ancora-se na percepção dos desafios que o professor atuante em classes multisseriadas enfrenta para desenvolver suas práticas pedagógicas no cotidiano da escola do campo. Dentre as dificuldades presentes na vida dos educadores encontra-se a falta de uma formação adequada a fim de otimizar suas práticas pedagógicas em salas de aula. Os autores basilares dessa discussão são Molina e Freitas (2012), Gatti e Davis (1993) e Hage (2010) que apresentam estratégias, reflexões, impasses, alternativas concernentes ao processo ensino-aprendizagem das classes multisseriadas. Ademais, como método para análise da temática, há o relato da prática docente nas turmas multisséries, percebe-se, que neste ponto, como aspecto positivo o conhecimento e aprendizado que é alcançado por meio da interação entre os alunos; e negativo, destacam-se as dificuldades em atender diversas turmas de níveis de aprendizagens e idades diferentes. No mesmo tempo e espaço físico das formas de potencializar a resolução de tal problemática seria a inserção, na grade dos cursos acadêmicos, de uma disciplina voltada para o processo de ensino-aprendizagem das turmas multisseriadas, além de outras políticas públicas para educação no campo. Assim, por meio desse estudo será possível pensar numa educação de qualidade para o aluno da escola rural e possivelmente despertar novos estudos acerca das políticas educacionais em prol da melhora da educação multisseriada.

Palavras-chave: Classes Multisseriadas. Experiência docente. Educação no Campo.

LISTA DE SIGLAS

PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
UFPA	Universidade Federal do Pará
PARFOR	Plano de Formação de Professores da Educação Básica
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
LDBEN	Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional
CNE	Conselho Nacional de Educação
CEB	Conselho de Educação Básica

LISTA DE IMAGEM

FOTO 1. Escola José Carneiro da Silva.....	17
FOTO 2. Estrutura Lateral do Prédio Escolar.....	18
FOTO 3. Parte de trás do Prédio Escolar.....	19

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	17
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	30
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
6. REFERÊNCIAS.....	64

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como título Experiências de Trabalho com Séries Iniciais nas Classes Multisseriadas. O presente trabalho pretende analisar como é desenvolvido o processo de ensino e aprendizagem a partir das experiências docentes pessoais na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Carneiro da Silva do município de Nova Timboteua/PA. A escolha desta temática deu-se por perceber os desafios que o professor que atua com classes multisseriadas enfrenta para desenvolver suas práticas pedagógicas no cotidiano da escola do campo, neste caso, tendo minha experiência como objeto de estudo. O primeiro objetivo específico foi investigar como acontece o trabalho do professor das classes multisseriadas por meio das vivências particulares em sala de aula. O segundo objetivo específico foi estudar as referências bibliográficas para embasar teoricamente meus estudos acerca da educação no campo e o terceiro objetivo específico foi apontar possíveis estratégias de ensino, enfatizando sobre a valorização deste profissional por meio dos resultados e discussões. Diante disso, surge a seguinte problemática: Quais as dificuldades encontradas pelos professores que atuam nas classes multisseriadas dos anos iniciais do ensino fundamental?

Existe uma grande dificuldade para os professores desenvolverem um bom trabalho com classes multisseriadas na educação do campo. Dentre as dificuldades presentes na vida dos educadores encontra-se a falta de preparação, ou uma formação adequada que venha facilitar suas práticas pedagógicas em salas de aula.

Como metodologia, utilizou-se pesquisas bibliográficas dos principais autores, Molina e Freitas (2012), Gatti e Davis (1993) e Leite (1999). Outro método foi o meu memorial de experiência própria.

Ao propor uma reflexão sobre a educação brasileira, vale lembrar que só em meados do século XX o processo de expansão da escolarização básica no país começou, e que o seu crescimento, em termos de rede pública de ensino, aconteceu no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980. Com isso posto, constatam-se nos dados nacionais: o Brasil ocupa o 53º lugar em educação, entre 65 países avaliados (PISA). Mesmo com o programa social que incentivou a matrícula de 98% de crianças entre 6 e 12 anos, 731 mil crianças ainda estão fora da escola (IBGE). O analfabetismo funcional de pessoas entre 15 e 64 anos foi registrado em 28% no ano de 2009 (IBOPE); 34% dos alunos que chegam ao 5º ano de escolarização

ainda não conseguem ler (Todos pela Educação); 20% dos jovens que concluem o ensino fundamental, e que moram nas grandes cidades, não dominam o uso da leitura e da escrita (Todos pela Educação). Professores recebem menos que o piso salarial (et. al., na mídia).

Frente aos dados, muitos podem se tornar críticos e até se indagar com questões a respeito dos avanços (se a sociedade muda, a escola só poderia evoluir com ela!). Talvez o bom senso sugerisse pensar dessa forma. Entretanto, pode-se notar que a evolução da educação na sociedade, de certo modo, faz com que a escola se adapte para uma vida moderna, pois os dados oficiais demonstram que a educação vem transformando a sociedade.

Logo, agora não mais pelo bom senso e sim pelo costume, a “culpa” tenderia a cair sobre o profissional docente. Dessa forma, os professores se tornam “alvos” ou ficam no “fogo cruzado” de muitas esperanças sociais e políticas em crise nos dias atuais. As críticas externas ao sistema educacional cobram dos professores cada vez mais trabalho, como se a educação, sozinha, tivesse que resolver todos os problemas sociais.

Nesse contexto, toda ação humana pode ser considerada como uma prática educativa, pois, ao longo do tempo, o ser humano reelabora o conhecimento ampliando-o através da prática da imitação, dos mitos e ritos, que colaborou com a construção cultural da sociedade e posteriormente com a ciência.

A educação brasileira é diferenciada pela forma como se configura no contexto histórico e social. Sabe-se que a educação se destaca em dois grandes sistemas de ensino: da rede pública e da rede privada. Na rede pública de educação, é possível destacar que este sistema é composto por diferentes modalidades de ensino, entre eles, pode-se citar o ensino que é ofertado pelas escolas do campo.

Há diversas diferenças no que se refere às realidades das escolas de educação no campo. Esta modalidade de ensino configura-se pelas classes multisseriadas, em que é possível destacar suas distinções. Existem escolas que são mais estruturadas, outras, menos. Muita das vezes os investimentos são destinados a todas elas, mas se sabe que nem sempre esses recursos são de fato usados em benefícios da escola.

O bom andamento da educação de um município depende da gestão que está à frente do serviço. A Secretaria Municipal de Educação (SEMED), nesse

sentido, assume papel importante e se torna a principal responsável pela escolarização que é feita em toda a rede municipal de educação, inclusive nas escolas de classes multisseriadas, ou seja, escola do campo.

As instituições de ensino que recebem recursos e apoio pedagógico da SEMED são diferenciais pela educação que é desenvolvida, pois só é possível desempenhar um bom trabalho se houver escolas adequadas e professores capacitados. Escola adequada seria uma escola com boa estrutura física, acessível a todos os alunos e que tivesse recursos de diferentes formas de atendimento educacionais, como: transporte escolar, merenda de qualidade e quadro de pessoal adequado para o atendimento educacional digno aos seus alunos.

No Brasil a educação multisseriada tem contribuindo bastante para a redução do analfabetismo, tem ajudado a promover cidadania, conhecimento, dando aos alunos liberdade de autonomia no cotidiano social, tornando-se muitas vezes, o único recurso de apoio e transformação das pessoas na sociedade.

É importante ressaltar que a educação rural, no espaço rotineiro, é vista como um ensino inferior em relação à educação urbana. Existe uma interpretação negativa por parte da sociedade acerca dos estudos multisseriados, e muitos acabam não enxergando as oportunidades que os alunos adquirem ao ingressar na escola do campo, alimentando o sonho de uma melhor qualidade de vida.

Aos poucos, as escolas do campo vêm estruturando-se por meio de programas criados pelos governos, como por exemplo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC, os professores têm recebido mais apoio pedagógico e incentivo à sua formação através dessa medida governamental.

A educação do campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. (CALDART, 2008. P. 67-86.)

A autora faz referência à vida cotidiana dos indivíduos que habitam a escola do campo. A educação desenvolvida nesta região está arraigada aos costumes e interesse que desrespeita profundamente suas atividades comunitárias, à sua cultura local e os modos de pensar e de agir. A escola do campo costuma enfrentar diversos desafios no contexto social, como vem sendo ressaltado, porém, a escola rural, a que se configura por classes multisseriadas, tem suas particularidades e

especificidades, onde é destacado um professor para reger aula em uma turma com crianças de diferentes idades.

A prática do professor que atua nesses perfis de classes se distingue pelo modelo de ensino que é destinado às escolas rurais. Os projetos e programas criados para as escolas do campo se diferem pelo nível de aprendizado dos alunos e a realidade da escola. Por isso, é fundamental fortalecer as práticas socioculturais, desenvolver currículo e programas específicos e manter constantemente a formação de professores especializados em educação multisseriada.

A rede municipal de educação do município de Nova Timboteua também é composta por escolas que ofertam o ensino em classes multisseriadas. Sendo esta uma realidade de muitos municípios do estado. As escolas são localizadas nas zonas rurais da cidade e ultimamente, aos poucos, o governo municipal vem investindo para se ter uma melhor organização de ensino e para que melhore sua estrutura.

A Escola José Carneiro da Silva localizada na Zona Rural da Cidade de Nova Timboteua em termos de educação, paulatinamente, sofre mudanças em sua realidade do ensino, no sentido de novos recursos pedagógicos, sala climatizada, merenda de qualidade e transporte escolar acessível aos alunos que moram em agrovilas vizinhas e que faz parte da educação escolar da vila. A nova gestão governamental do município junto com a SEMED passou a dar uma atenção diferenciada para as escolas de classes multisseriadas. Nesse sentido, a referida escola passou a desenvolver melhor suas atividades pedagógicas, tendo apoio técnico especializado.

Os projetos que vem sendo executados são elaborados através de orientação pedagógica e de acordo com nível e aprendizado de cada discente. Dessa forma, com esse método de ensino, a educação na comunidade alcançou melhores resultados, levando os alunos a progredirem em sua formação educacional.

A participação da família no processo de escolarização dos alunos é de fundamental importância, pois o trabalho em parceria entre pais e escola, com certeza trará resultados significativos. Na escola José Carneiro, a ausência dos pais na educação de seus filhos é uma realidade existente que vem sendo trabalhada para que a relação família e escola se fortaleça. Com isso, a escola busca envolver os pais em reuniões e eventos procurando incentivá-los a participarem mais da vida escolar de seus filhos, falando da importância do apoio que devem dar aos alunos.

Assim, trabalhando em parceria, escola e família, conseqüentemente a educação poderá progredir, levando os indivíduos uma formação de qualidade.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos, sendo o primeiro, o relato de experiência que descreve minhas vivências pedagógicas nas classes multisseriadas. Há, também, nesse capítulo como as professoras da escola do campo, especificamente, as que atuam em classes multisseriadas, planejam suas metodologias e desenvolvem suas atividades pedagógicas sem ter uma formação voltada para esta modalidade de ensino. É importante salientar que apesar desses profissionais não receberem formação direcionada para essa área, esses adquirem experiências a partir de suas práticas que são desenvolvidas cotidianamente.

O segundo capítulo foi desenvolvido a partir das discussões teóricas, as leituras bibliográficas que embasaram o entendimento para desenvolver esse trabalho. As leituras foram essenciais para o auxílio à compreensão do contexto histórico social do aluno da escola do campo, foram importantes para se fazer entender como se dá o processo de formação desse sujeito e sua participação na sociedade.

O terceiro capítulo descreve os resultados e discussões dos estudos realizados e a relação da teoria com a prática acerca das experiências vivenciadas, apontando possíveis soluções. Nessa etapa foi possível sugerir algumas metodologias de ensino que poderão ser estudadas e trabalhadas pelos professores da escola do campo. Dessa forma, é necessário pensar em uma educação voltada para o aluno do campo, um ensino que capacite o sujeito para o convívio social, tornando-o participativo e capaz de refletir sobre a construção de sua própria identidade.

É sabido que a educação é essencial na vida do indivíduo e na formação de sua cultura, porém, nem sempre a ela é dado o seu devido valor, portanto é importante refletir sobre o papel do professor da escola do campo e sua missão enquanto agente construtivo de conhecimento. Vale ressaltar que a esse é dado a missão de plantar sonhos e transformá-los em realidade, é dado o compromisso de educar e contribuir na sua formação, mas constantemente não é dado o solo adequado para que suas sementes sejam semeadas e germinem positivamente. Com isso, busca-se uma educação transformadora que ofereça ao indivíduo do campo subsídios e oportunidades para se construir e fazer cultura.

Assim, é importante que o professor que atua em classes multisseriadas seja valorizado e oferecendo uma formação que contemple sua área de atuação para que esses possam desenvolver seu trabalho com mais facilidade e dessa forma atingir seus objetivos pretendidos.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA

Minha intenção é descrever as experiências docentes vivenciadas no cotidiano da escola no campo. A escola do campo é um espaço capaz de oferecer um ensino que contemple a vida rural dos educandos e levá-los a refletir sobre a importância de sua cultura e seu papel enquanto cidadão. É possível relatar minha experiência como professora da rede municipal de educação do Município de Nova Timboteua – Pará. Dei início a minha carreira docente com classes multisseriadas entre 2003 e 2004, devido à necessidade de professores para atuar na rede municipal de educação, foi possível conseguir um contrato pela prefeitura do Município começando minha vida profissional na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Carneiro da Silva situada em uma pequena comunidade da Zona Rural do referido município.

A foto abaixo apresenta a estrutura externa atual da Escola Municipal de Ensino Fundamental José Carneiro da Silva, onde se atende alunos de classes multisseriadas na Zona Rural do Município.

FIGURA 01 - ESCOLA JOSÉ CARNEIRO DA SILVA



Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2018.

Entende-se por classe multisseriada uma forma de organização de ensino a qual o professor trabalha na mesma sala de aula com várias séries do Ensino Fundamental simultaneamente, tendo de atender a alunos com idades e níveis de conhecimento diferentes. Vila dos Carneiros está situada aproximadamente a 15 km

da sede do município sendo composta por 98 habitantes (pesquisa realizada em março de 2018). São famílias de agricultores em que muitos sobrevivem da pesca e do extrativismo de açaí; sendo seus filhos, os alunos que compõe as classes multisseriadas na escola desta comunidade. A realidade do trabalho nas classes multisséries já era presente na cidade e por residir na área rural, minha experiência começou na escola do campo. Desenvolver o trabalho pedagógico nessa modalidade de ensino exige muito esforço, competência, compromisso e planejamento. São ações como: trabalhos interdisciplinares, aula expositiva, jogos recreativos, dinâmica que nortearam o trabalho de qualquer profissional, e na educação, são essenciais.

Para desenvolver um bom trabalho nessa modalidade de ensino, a professora precisa se esforçar bastante, pois é uma prática que envolve todo o contexto social, tanto do aluno quanto a da professora. É importante que a mesma esteja em constante planejamento e compromisso com o seu trabalho, e com isso, levar à categoria estudantil um ensino de qualidade, um direito de todos.

A Escola M. E. F. José Carneiro da Silva funciona desde 1987, mas em estruturas diferentes. Antes, a escola funcionava em uma sala aberta sem proteção, sem estrutura física, materiais didáticos e sem apoio pedagógico; mudando depois para outro local onde a mesma funcionava em um barraco cercado por madeiras, sem banheiro, com poucas carteiras, mesa para o professor, não tinha refeitório para as crianças. Era considerado um espaço sem acessibilidade para os alunos e aos demais profissionais, um ambiente improvisado.

FIGURA 2 - ESTRUTURA LATERAL DO PRÉDIO ESCOLAR.



Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2018.

FIGURA 3 - PARTE DE TRÁS



Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2018.

As imagens acima retratam a situação atual da escola em Vila dos Carneiros. Ressalta-se que o trabalho com as classes multisseriadas já acontecia nessa realidade e com muita dificuldade, era possível desenvolver tais atividades. A questão de estrutura escolar e a ausência de apoio e recursos pedagógicos abrange toda região, principalmente, as escolas do campo em que se atendem classes de ensino multisseriadas, caracterizadas ainda por agregar diferentes culturas como: ribeirinhos, quilombolas, indígenas e outros.

Em 2003, quando iniciei na comunidade já tinha sido fundado o prédio escolar, o mesmo funcionava apenas em um turno, atendendo aproximadamente 26 (vinte e seis) alunos entre 03 (três) a 14 (quatorze) anos. Na sua estrutura física, a

escola era bastante simples, composta por uma sala, um banheiro que não funcionava, uma cozinha com apenas um fogão e um pote de barro e outros objetos como prato e colheres que eram insuficientes e não davam para atender às necessidades de todos os alunos. Em sala, tinha-se um quadro a giz e poucas carteiras que não era suficiente para as crianças. Em período de inverno tornava-se mais difícil, pois quando chovia molhava toda a sala, uma vez que a escola tinha uma cobertura em péssimas condições, com isso, as crianças eram obrigadas a se unir em único canto da sala ou a se retirar do ambiente para não se molhar.

Seu corpo de funcionários era composto apenas por dois, eu realizava as atividades docentes e administrativas, em que muitas vezes era obrigado a liberar as crianças antes do horário para ir até a cidade na SEMED, realizar as tarefas administrativas da escola, como levar e trazer documentos, materiais didáticos, merenda escolar, gás e outros. Outro funcionário era a servente, que zelava pela escola e fazia a merenda das crianças. Um dos pontos negativos era ter que desenvolver as atividades da escola isoladamente, sem apoio da Secretaria de Educação, como orientador pedagógico e tão pouco de um secretário escolar.

A escola atendia também crianças e adolescentes de outra comunidade, Vila Cearense. Isso era um ponto muito preocupante, pois, essas crianças não tinham acesso ao transporte escolar, fato que também comprometia seu aprendizado. Contudo, eram crianças bastante dedicadas e esforçadas nas atividades propostas em sala. Foi bastante difícil encarar essa dura realidade, porque eu tinha apenas o magistério como formação e não uma formação adequada para atuar com essa modalidade de ensino. É importante dizer que neste período, o município não oferecia apoio voltado para os docentes que atuavam na escola do campo.

Com isso, tornava-se mais dificultoso para a professora ter que atuar em classes multisseriadas sem apoio e sem formação, pois era assim que me sentia diante dos alunos, da escola e da comunidade. Vale frisar que a educação continuada para esses profissionais é uma ferramenta de base importante na carreira docente e que reflete diretamente na formação de seu aluno. Contudo, cabe ao município, oferecer às escolas e seus docentes recursos que possam lhe garantir apoio e lhe possibilitar um trabalho digno.

É possível relatar que não foi fácil, no momento em que me deparei com uma escola sem estrutura física e uma turma composta por mais de uma série, ou seja, do maternal ao 5º ano do ensino fundamental formando assim, uma classe

multisseriada, e mais difícil ainda foi ter me deparado com alunos em séries avançadas em que poucos tinham o domínio da leitura. Isso era um dos problemas delicados que pude observar na turma, e fazendo um breve diagnóstico, percebi que aqueles alunos precisavam de um apoio especial, tanto de minha parte, enquanto professora, quanto da família e principalmente da secretaria de educação com apoio pedagógico.

É necessário citar que entre as dificuldades enfrentadas em sala de aula, existe um aluno especial que até então, não foi feito um diagnóstico para descobrir qual é sua deficiência, mas fica visível que é uma dificuldade mental que o impede de desenvolver-se na aprendizagem, pois a criança convive com a mãe que também apresenta o mesmo comportamento, mas que está inserido na sala de aula. Esse discente precisa de um atendimento especial, uma vez que a escola não está preparada para atender suas necessidades. Diante disso, sempre me preocupei bastante, fazendo apenas o que estava ao meu alcance para envolvê-lo nas atividades junto da turma. Assim, o mesmo vem participando do processo de ensino e aprendizagem.

O cotidiano em sala de aula foi com os níveis de aprendizagem diferentes como: alfabetização da 1ª a 5ª séries. No primeiro dia de aula, foi muito difícil, não sabia como organizar os alunos em classe, pois, eram várias séries dentro unicamente de uma sala. Lembro-me, que neste dia iniciei com a atividade leitura do alfabeto para todos, e na sala, continha crianças que já tinham o conhecimento do alfabeto e liam palavras completas e não tinham interesse pela leitura que eu estava fazendo. A partir daí, comecei a elaborar novos planos de aula voltados para atender os alunos segundo suas necessidades, principalmente para os que já tinham domínio de leitura.

A partir da formação do magistério, passei a elaborar novos planos de aula com base no nível de aprendizagem de cada aluno e pude contribuir para o aprimoramento da classe, pois assim, utilizando esses métodos, os discentes passaram a se dedicar melhor. O trabalho docente era uma tarefa bem mais árdua, usava-se como recursos didáticos, nessa época, o livro didático, leitura da tabuada, dinâmica da esponja em que era passada de carteira em carteira onde os alunos pagavam a “prenda” quando não acertava a pergunta. Era um dos momentos de aula em que os alunos mais se envolviam e mais gostavam, tornando a aula mais atraente, e outras atividades que hoje, ainda é desenvolvida e que ajuda no

aprendizado do aluno, como: faz de conta, contos infantis, histórias e lendas da própria região.

Ao iniciar a aula, tinha o costume de usar sempre a lousa, a mesma era usada para registrar assuntos para toda a turma. Dessa maneira, dava-se a prática docente no início de minha experiência profissional.

As crianças não possuíam uniformes, poucas tinham cadernos. Muitos chegavam sem ter tomado o café da manhã e sem os cuidados necessários básicos como banho, unhas cortadas e demais tipos de higiene, chegavam atrasados por não ter transporte escolar, seus pais que levavam até à escola, todos esses aspectos dificultava o trabalho em sala, pois, além de ter que conduzir uma sala com crianças de idades e níveis de aprendizagens diferentes, teria que levar em consideração todas essas especificidades que merecem uma atenção maior. O trabalho da professora com classes multisseriadas nesse período foi bem mais difícil, mas superável.

Uma das maiores dificuldades existentes em sala de aula com a classe era sobre a leitura, pois, muitos tinham dificuldades no aprendizado e não recebiam incentivos dos pais em casa, uma vez que as atividades eram propostas para serem desenvolvidas com a ajuda deles, no entanto, não eram feitos e os alunos retornavam à escola com essas atividades pendentes, com isso, suas dificuldades em aprender continuavam, pois, não eram incentivados pelos pais. Portanto, eram desenvolvidas atividades diferenciadas para cada série. Na alfabetização, nomenclatura antiga, as atividades eram feitas manualmente no caderno de cada criança usando sempre as vogais, consoantes, desenhos e números; essas atividades eram realizadas através de pinturas, confecções de materiais como: jogos de boliche confeccionado com garrafa Pet, que era um dos métodos utilizados para alfabetizar os alunos.

Com as turmas de 1^a (primeira) à 4^a (quarta) série, as atividades eram desenvolvidas na lousa, como citado acima. Trabalhava-se sempre com plano de aula diferenciado, juntando as turmas, 1^a e 2^a séries de um lado da lousa, abordando conteúdos específicos, de acordo com suas séries, e do outro lado, as turmas de 3^a e 4^a séries, como eram chamadas antes. Com essas séries finais, abordava-se sempre conteúdo dos livros didáticos, utilizando sempre a leitura.

Para os alunos de 1^a e 2^a séries, eram trabalhadas atividades como interpretação de texto, leitura coletiva e individual, jogos e dinâmicas. Todas as

atividades eram voltadas para a leitura, pois, com isso, se tinha a finalidade de despertar no aluno o interesse pela mesma. Já com as turmas de 3^a e 4^a séries, as atividades eram realizadas de forma dinâmica e com a construção de textos, leituras coletiva e individual.

Este era o método que eu encontrava para desenvolver o trabalho docente em classes multisseriadas, haja vista que, eram os recursos que se tinha nesta época. Apesar das dificuldades de se trabalhar com essa modalidade de ensino, envolvendo séries diferentes, idades e outros aspectos, muitos discentes avançavam de séries e conseguiam chegar ao ensino fundamental maior e posteriormente no ensino médio.

Entre 2008 e 2010 com o novo governo em administração do município, esta realidade foi mudando e a escola foi passando por mudanças significativas. A quantidade de estudantes cresceu e houve a necessidade de a mesma funcionar em dois turnos, matutino e vespertino. O seu quadro funcional também cresceu, houve contrato de uma professora, uma merendeira e um vigia. A escola passou a ter um apoio melhor da Secretaria Municipal de Educação, o que contribuiu para o desenvolvimento de um trabalho mais digno.

Com esta nova realidade, houve a necessidade de buscar um apoio mais consistente na Secretaria Municipal de Educação (SEMED), com isso, a escola passou a ser contemplada com mais recursos, entre eles, novas carteiras, lousa, geladeira; materiais para cozinha como armário, prato, colher, copo e; materiais de apoio pedagógicos como materiais didáticos para os alunos, livros, revistas educativas, além do apoio pedagógico com Programa do Governo (Escola Ativa).

O programa Escola Ativa tem como objetivo a qualidade do desempenho escolar em classes multisseriadas nas séries iniciais do ensino fundamental de escolas do campo. Para isso, o programa implanta nas escolas recursos pedagógicos e de gestão, como kits de caderno de aprendizagem das disciplinas Português, Matemática, Ciências, História e Geografia para os estudantes do ensino fundamental.

Para participar, as escolas do campo devem ter condições mínimas de funcionamento e ter uma equipe técnica estadual e municipal para acompanhar a implementação do Escola Ativa¹. O programa é uma parceria do Ministério da

¹ As informações detalhadas sobre a política do Programa constam no endereço eletrônico <http://www.educacao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo>, acessado em 17 de agosto de 2018.

Educação com as secretarias de Educação municipais e estaduais. Ainda existia a necessidade de adquirir mais recursos, principalmente para estrutura física da escola como: espaço recreativo, refeitório, biblioteca, materiais tecnológicos, sala para professores entre outros.

A partir disso, houve mudanças na forma como desenvolvia as metodologia de ensino, e passei a elaborar planos de aula usando outras estratégias e criando atividades diferenciadas, mais atrativas, sendo elas de acordo com a faixa etária e desenvolvimento de cada um. Mas, ainda assim, existiam dificuldades, pois, era necessário dar atenção para todos os discentes ao mesmo tempo, principalmente, as crianças da educação infantil.

No início de 2012 a história da educação no município passou por algumas mudanças e que se refletiu nas escolas do campo, no trabalho do professor e conseqüentemente na vida dos alunos. A reforma da escola foi uma conquista importante para a comunidade, sala climatizada, novas carteiras composta por mesas, mesa para professores, quadro magnético, mais apoio pedagógico e transportes escolar para os alunos que residem em outra comunidade. A escola passou a ter banheiros reformados, nova pintura no prédio. A mesma também passou a receber visitas técnicas, nutricionista da gestão administrativa da Secretaria Municipal de Educação (SEMED).

Vale dizer, que muito ainda falta ser feito quando se fala de estrutura física. Precisa-se de uma área de lazer, refeitório para servir o lanche das crianças e brinquedoteca que é de fundamental importância na escola que atende a educação infantil, além de recursos tecnológicos como: computador, Data Show, caixa amplificadora e impressora que são recursos importantes no auxílio do trabalho pedagógico e na aprendizagem dos alunos.

Diante disso, é possível relatar que a escola do campo estaria de certa forma, estaria “preparada” para atender os alunos das classes multisseriadas e possibilitando à professora uma forma digna de desenvolver o seu trabalho.

O trabalho do docente na classe multisseriada atualmente tem mudado, pois muitos profissionais que atuam nesta área já possuem formação em nível superior, e outros em processo de qualificação para o trabalho em sala de aula, mas, é importante ressaltar que não é a formação específica para atuar em classes multisseriada, no entanto, contribuem para suas práticas em sala de aula.

Minha experiência em docência iniciou apenas com a formação do magistério como foi mencionado anteriormente, hoje com o Plano de Formação de Professores da Educação Básica² – (PARFOR). Esse programa é uma ação da Capes que visa induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para profissionais do magistério que estejam no exercício da docência na rede pública de educação básica e que não possuem a formação específica na área em que atuam em sala de aula.

Tenho o privilégio de concluir minha Licenciatura Plena em Pedagogia pela UFPA – Universidade Federal do Pará. Esta formação está me possibilitando novos conhecimentos, diferentes estratégias e práticas pedagógicas que utilizo como base para atuar nesta modalidade de ensino. É importante ressaltar ainda, que a Secretaria Municipal de Educação (SEMED) tem proporcionado formação de professores que acontece no início do ano letivo e que também tem nos auxiliado com projetos pedagógicos e oficinas, a partir jogos voltados para alfabetização e letramento.

É importante descrever, que entre outras mudanças, a escola foi contemplada com o programa PNAIC (Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa), este não é um programa especificamente voltado para as turmas multisseriadas, mas que tem nos possibilitado trabalhar dentro desta modalidade de ensino, participando de formações pedagógicas e atividades que propiciam uma qualificação melhor para o trabalho do professor na multissérie.

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PINAC) é um compromisso formal e solidário assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, desde 2012, para atender à Meta do Plano Nacional da Educação (PNE), que estabelece a obrigatoriedade de “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental”.

O PNAIC é um programa que tem como objetivo capacitar os docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, fazendo com que este profissional se dedique as atividades voltadas para os 1º, 2º e 3º anos, pois o programa também tem a finalidade de alfabetizar o aluno até o 3º ano. Participa deste programa o aluno que

² As informações detalhadas do Plano de Formação de Professores da Educação Básica encontram-se no endereço eletrônico <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/parfor>, acessado no dia 17 de agosto de 2018.

apresenta dificuldade de aprendizagem na fase a alfabetização. Portanto, o programa traz esse apoio para os discentes dos anos iniciais do ensino fundamental da educação básica. Por meio deste programa, a escola recebeu quites de jogos como: dama, blocos lógicos, acervos de contos infantis e várias literaturas infantis. Materiais ricos que tem apoiado bastante nossa prática docente.

A formação proporcionada pelo programa (PNAIC), tem nos possibilitado criar novas estratégias de ensino e metodologias diferenciadas que contribui na aprendizagem dos discentes. Atualmente, ao me planejar, utilizo de diferentes recursos didáticos para elaborar meus planos de aula. Dentre estes recursos é possível destacar: pintura, história de faz de conta, contos infantis, dinâmicas que envolvem o contexto dos alunos, jogos e outros.

Sequência didática é um termo usado na Educação Infantil para definir um conjunto de atividades encadeado de passos e etapas ligadas entre si para tornar mais eficiente o processo de aprendizado.

O nome já diz bastante coisa, mas poucas vezes paramos para pensar no que, de fato, significa. Como a palavra “sequência” significa “ação de seguir”, podemos dizer que sequências didáticas³ são “etapas continuadas” ou “conjuntos de atividades”, de um tema, que tem objetivo de ensinar um conteúdo, etapa por etapa.

Sobre sequência didática, é possível defini-la como um conjunto de atividades concebidas pelos professores para que os alunos adquiram certos conhecimentos e determinadas habilidades. Para que isso seja possível é necessário organizar uma série de seções formativas ligados e um fio condutor coerente que os unifique, exemplificando, um docente aborda o tema do espaço urbano. A sequência didática poderia começar com uma introdução geral sobre as cidades e suas características. Em seguida, pode-se realizar um passeio pela cidade e é aí que os professores podem explicar sobre as diversas áreas da cidade. Por último, os alunos devem desenhar um plano com a distância percorrida e apontar as áreas mais importantes. Com estas três atividades, temos uma sequência didática composta de aspectos teóricos como práticos.

No que se refere à metodologia, a sequência didática é uns dos métodos muito utilizado do dia a dia da sala de aula, a ludicidade, interdisciplinaridade e todas

³ Acessou-se no endereço eletrônico <http://naescola.eduqa.me/registros/o-que-e-uma-sequencia-didatica>, no dia 17 de agosto de 2018, definição e etimologia de Sequência Didática.

as ferramentas que é possível aguçar o interesse do aluno e sua participação nos estudos.

O faz de conta é um momento em que a criança da educação infantil vivencia e consegue experimentar vários personagens da literatura infantil. A pintura e o jogo também fazem parte das atividades desenvolvidas com estes alunos. Além disso, é possível destacar os recursos didáticos que as escolas recebem e os que são feitos artesanalmente. São materiais como: tampinha de garrafa, palito de picolé, garrafa Pete e outros que são confeccionados com toda a turma.

Com as turmas de 4^o (quarto) e 5^o (quinto) ano, como é denominada hoje, a metodologia é trabalhado de forma sequencial, ou seja, através de sequencia didática que por sua vez, é a abordagem de um assunto interdisciplinar. Esta atividade pode ser desenvolvida de diferentes maneiras, incluindo jogos e dinâmicas que atraem a atenção dos alunos e que acaba envolvendo toda turma. A interdisciplinaridade é a junção de várias disciplinas, um método que facilita o trabalho da professora e conseqüentemente o aprendizado dos educandos.

De acordo com o exposto acima, a seqüência didática é um método de ensino que pode ser inserida no plano de aula do professor podendo dinamizar o aprendizado de seus alunos e ajudar na compreensão de conteúdos. A partir deste método de ensino, ao participar, o aluno possivelmente terá mais facilidade de aprender o que estará sendo abordado e conseqüentemente a superar certas dificuldades que vão surgindo durante o processo de ensino.

Em sala, durante minhas aulas, procuro desenvolver atividades utilizando estes métodos, mas, peço que os alunos realizem as tarefas de forma coletiva, formando grupos, pois assim, eles se ajudam entre si, isso tem dado certo e acaba facilitando o processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Atualmente a Escola José Carneiro da Silva vem sendo apoiada pela Secretária Municipal de Educação na disponibilização de recursos didáticos, transporte e merenda escolar, realidade que muitas escolas do campo ainda não alcançaram. A escola recebe apoio também da coordenação pedagógica, incentivo à formação continuada de professores, além de oferecer formação do programa PNAIC como citado anteriormente.

Com isso, o trabalho docente tem melhorado bastante, mas, é importante ressaltar que, ainda existem desafios a serem superados, principalmente quando se refere à formação específica do professor para atuar com classes multisseriadas.

Assim, é possível pensar propostas e alternativas a respeito dessa formação específica para este profissional que vem enfrentado várias dificuldades no contexto da sala de aula. Cabe aos governantes e ministros criarem leis que possam ofertar melhorias para estes docentes que atuam nesta modalidade de ensino. Dessa forma, é importante que as professoras se manifestem criando alternativas capazes de mobilizar também o poder público. Com isso, será possível pensar na escola multisseriada ótima onde o aluno possa aprender de forma mais satisfatória, tendo professores capacitados e formados em sua área de atuação.

A escola multisseriada ótima seria aquela composta com infraestrutura adequada, possuindo transporte escolar, brinquedoteca, biblioteca, videoteca, refeitório, área de lazer, sala e gabinete para professores, assim como laboratórios, hortas, pomar, vestiário, quadra de esporte, entre outros. Professores capacitados, recursos didáticos, tecnológicos e merenda escolar de qualidade, projetos desenvolvidos de acordo com a realidade local, assim, como apoio pedagógico e demais incentivo trabalhando o contexto social a partir da realidade do aluno.

Diante disso, o aluno do campo teria uma educação digna, os valores respeitados e conseqüentemente, um ensino capaz de formar cidadãos mais críticos, reflexivos e preparados para conviver em sociedade. Uma mudança da parte destes governantes, com certeza refletiria na história da educação brasileira, trazendo reconhecimento para sua administração governamental e conseqüentemente para a formação de uma sociedade democrática, formando assim, indivíduos críticos e capacitados para o mercado de trabalho e seu convívio em sociedade. De acordo com BRASIL (1996):

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A escola hoje tem se preocupado em capacitar seus alunos em sua formação proporcionando um ensino de qualidade. A mesma tem o papel de instruí-los a seguir o caminho do bem, dando-lhes a liberdade de buscar seus objetivos e a se tornarem profissionais capacitados para o mercado de trabalho; contribuindo assim para uma educação de acesso a todos. A escola assume a função de proporcionar aos discentes uma educação voltada para sua realidade, em que se trabalhe o significado da cultura local, a valorização de sua cultura local e que deem aos alunos

a oportunidade de expressarem seus conhecimentos e aprimorarem suas habilidades, o fazer artística e a livre expressão do pensamento como forma de conhecimento no convívio social.

Acentua-se a discussão que a escola hoje precisa está desenvolvendo uma educação que esteja voltada para a realidade do aluno, tanto em sua estrutura de ensino, pedagogicamente, quanto em sua estrutura física, pois a formação do discente precisa acontecer em um ambiente agradável. Uma vez que os estudantes que compõem a rede municipal de educação do campo são de realidades diferentes de outras escolas da sede do município, pois são alunos que formam as classes multisseriadas e que precisam de um ensino voltado para sua realidade.

Diante de toda experiência relatada, é importante ressaltar que durante minha carreira profissional muitos momentos difíceis foram vivenciados, mas foram nestas dificuldades que encontrei a oportunidade para superar tais problemas, podendo assim, alcançar meus objetivos em prol da educação e meu aperfeiçoamento enquanto docente. É válido relatar ainda que neste percurso de trabalho, vivenciei muitos momentos felizes, desenvolvendo trabalhos que marcaram vidas e memórias e que foram capazes de me tornar humana, fazendo-me enxergar a docência como uma missão significativa.

No geral, minha carreira profissional tem se ampliado muito; este trabalho tem proporcionado muitas conquistas e me possibilitou alcançar muitos benefícios em prol da educação, tenho conhecido muitos educadores exemplares, mestre e doutores que muito tem contribuindo para minha prática em sala de aula; além de participar de vários eventos e oficinas voltados para a ação docente e que engrandecem positivamente meu trabalho na formação de sujeitos.

A docência é uma profissão que exige muito da professora, tanto intelectualmente quanto afetivamente e psicologicamente. É uma trajetória que vai se constituindo continuamente, é um fazer que nos permitam a entrar no mundo imaginário de nossos alunos, uma formação a qual também estamos inseridos, uma função que nos compromete humanamente. Assim, é de fundamental importância relatar que a missão do profissional da educação construtor do país deveria ser reconhecida e valorizada diante de toda sociedade, pois é por meio do conhecimento que se forma cidadãos de caráter e boa conduta para convívio social.

Dessa forma, os estados e os municípios, antes de propagarem uma educação de qualidade, deveriam repensar e investir mais neste profissional e em

sua carreira, pois, visto que nós professores construtor da nação, ainda sofremos muito com relação à falta de apoio, valorização e condição humana. Pois, ainda enfrentamos muitas barreiras com relação ao cotidiano da sala de aula. Entre os desafios, pode-se citar a sobrecarga dentro da profissão; sendo uma delas, é ter que se submeter a uma grande carga horária para adquirir maior remuneração; uma vez que o governo pagasse melhor a hora aula e atividades, conseqüentemente o professor se submetia a uma carga horaria menor, tendo como uns dos benefícios mais tempo para se planejar em suas atividades pedagógicas e viver dignamente.

Assim, a missão do professor em nosso país seria mais valorizada e ganharia mais reconhecimento e com certeza iria se refletir na formação da criança e em seu processo de ensino e aprendizagem.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O ensino nas classes multisseriadas é uma realidade que se vivencia continuamente, e em certas regiões, principalmente em áreas rurais, esta modalidade de ensino tem uma grande importância, pois é sabido que a educação é essencial na formação da sociedade, e de sua cultura e cidadania. A escola do campo assim como as demais, também desenvolve papel intrínseco e contribui significativamente na formação do ser humano.

As características geográficas, sociais e culturais locais determinam que o ensino, nas séries iniciais, seja multisseriado na maioria das escolas rurais, segundo dados do Educacenso (2011). Diante disso, faz-se imprescindível definir as classes multisseriadas que, segundo Cardoso e Jacomeli (2010), são turmas nas quais uma professora tem a responsabilidade exclusiva por dois ou mais níveis de escolaridade ao mesmo tempo e espaço. Cabe ressaltar que essa organização do ensino no Brasil está intrinsecamente ligada ao meio rural, uma vez que é neste espaço que essa realidade se configura.

O contexto de muitos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, o termo multisseriado, quase sempre, se refere às turmas nas quais os alunos foram combinados por razões de necessidade, ao invés de escolha pedagógica. Os agrupamentos multisseriados combinados verticalmente são normalmente aplicados à realidade rural em situações que se tem um

número reduzido de alunos por série, justificando a permanência deles nas escolas mais próximas de suas localidades, evitando, assim, que os estudantes percorram longos trechos até a área urbana ou que acabem evadindo (HARGREAVES, 2001; BERRY, 2001; COUTINHO E ABREU, 2011).

De acordo com o texto acima, a modalidade de ensino nas classes multisseradas, têm se configurado à realidade de educação no campo, pois por residirem no meio rural, distante da zona urbana e difícil acesso a transporte escolar, e por ser pouca a quantidade de alunos que difere por série, a escola do campo acaba sendo constituída por estes discentes que formam as classes seriadas. Contudo, é válido dizer que esta responsabilidade não sobre cai somente aos professores, mas a toda comunidade escolar. Em certas ocasiões, este profissional precisa de um auxiliar para que juntos possam desenvolver melhor suas atividades em sala de aula e assim fortalecer esta organização de ensino. Dessa forma, DRUZIAN; MEURER, 2013, p. 132, afirma que:

Incluindo-se a isso, precisa-se pensar nas transformações de todo o conjunto que envolve o processo de ensino presente em cada contexto econômico, político, social e cultural neste momento histórico, ou seja, a inserção geográfica e a identificação política, na própria realidade cultural do campo, tornam-se premissas fundamentais de sua implementação, ao invés de seguir uma concepção pedagógica pronta e acabada.

As autoras estão explicando que o contexto da educação do campo é diferenciado pela formação de sua cultura, da forma como se relacionam entre si e possivelmente, a concepção pedagógica adotada é a que se renova, e se articula de acordo com sua realidade social.

É inadmissível seguir uma concepção pedagógica pronta e acabada quando se pensa na educação do campo, pois esta perpassa por muitas mudanças e formas diferentes de se constituir que é peculiar das comunidades pequenas. Isso refletirá profundamente na modalidade de ensino a qual vem sendo adotada, pois, convém ressaltar que o projeto político pedagógico educacional poderá sofrer adaptações para que assim se possa realizar bons projetos e elaborar planos de aula voltados para esta realidade. Outro ponto importante a ser frisado é que nas classes multisseradas, seus alunos vem de várias realidades diferentes, sendo eles de composição indígena, ribeirinha, quilombolas e outros.

Sobre a concepção pedagógica pronta e acabada é possível dizer ainda que esta não se enquadra no modelo da educação atual, tão pouca na educação do campo, pois, entende-se que na sociedade contemporânea é a escola que se

adequa a realidade de seus alunos. Dessa forma, os projetos deveriam ser pensados e articulados de acordo com suas necessidades:

Apesar de tal entendimento, compreender as classes multisseriadas do campo, para discutir a qualidade do ensino que oferecem e as razões de sua permanência, coloca desafios aos que desejam estudá-las. Isso ocorre por que, quando o multisseriamento é abordado, o que se busca é sua separação, pois esse modelo de organização da educação do campo apresentou-se durante muito tempo, senão até hoje, como distante do paradigma curricular moderno urbano e seriado, visto como de má qualidade, atrasado, distante dos padrões de qualidade por diversos motivos. Entre os mais destacados, elencam-se a baixa qualificação dos professores, a falta de condições e materiais didáticos, a complexidade do exercício da docência em classes multisseriadas, o atraso da formação escolar do sujeito do campo, entre outros fatores que levam a esta visão. (HARGREAVES, 2001; BERRY, 2001; ROCHA E HAGE, 2010).

De acordo com a visão dos autores, é possível destacar que o modelo de educação nas classes multisseriadas não tem sido muito satisfatório e que por muito tempo vem sendo ponto de discussão negativa dentro da visão de alguns estudiosos e que abrange o currículo escolar. Diante disso, os desafios que vão surgindo acabam se fortalecendo, pois pouco o governo tem se manifestado diante de tal situação e investido na educação do campo. Quando se fala de educação no campo e classes multisseriadas, se pensa em um modelo de educação em que os alunos estão submersos a um ensino de pouca qualidade e quando é manifestados interesses em prol de sua qualificação ou permanência o que se pensa é em buscar sua separação, ou seja, desvincular tal forma de ensino. Com isso, a importância de se pensar em um plano de ação a que viessem fortalecer esse sistema de ensino, pois, apesar dos poucos resultados positivos e diante de tantas dificuldades, este modelo de educação tem sido muito útil a essas classes.

Em certas ocasiões, fica evidente a trajetória da educação no campo e a forma como esta tem sido vista. Em sua maioria, as escolas do campo não são contempladas por projetos que pudessem beneficiar seu funcionamento, que viesse fortalecer sua ação docente, a falta de materiais pedagógicos, espaço de recreação e até mesmo, o incentivo a formação dos professores para atuar em classes multisseriadas. Isso reflete diretamente na formação do aluno, fazendo com que seu aprendizado seja afetado.

O professor que atua em escola formada por classes multisseriadas, pouco é incentivado em sua profissão, não há formação continuada específica para estes profissionais que atuam nesta modalidade de ensino, formação que venha fortalecer

sua prática e, muitas das vezes, se sentem obrigados a assumirem diversas funções além da sala de aula, isso também faz com que seu trabalho seja prejudicado, pois este professor em vez de dedicar seu tempo na elaboração de um bom planejamento, se sobrecarrega com outras atividades no campo educacional que poderiam ser executadas por conjuntos de profissionais.

Dessa forma, a multissérie constitui principalmente uma realidade eminentemente do campo. Nas turmas multisseriadas, existe um único professor, assumindo, muitas vezes, múltiplas funções, de faxineiro a professor, para duas, três e até quatro séries diferentes ao mesmo tempo e no mesmo espaço. As existências das escolas uni docentes denunciam a desvalorização e a sobrecarga de trabalho do professor, que atende à demanda de várias séries e ainda desempenha todas as funções no âmbito da escola, desde a docência, passando pelo preparo da merenda, até a limpeza do estabelecimento, segundo Fagundes e Martini (2003).

Como cita os autores acima, o professor da escola do campo em sua missão, assume vários cargos dentro de seu campo de trabalho, além de desenvolver suas atividades docentes, este acaba sendo responsável por todo trabalho da escola. Talvez, sejam esses uns dos fatores que mais interfere na formação do professor, no aprendizado de seus alunos e na constituição da escola.

A organização da forma seriada exige o trabalho pedagógico de forma fragmentada, fazendo com que as atividades de planejamento, de currículo e de avaliação sejam desenvolvidas isoladamente para cada uma das séries, acumulando vários alunos reprovados por não conseguirem supostamente seguir o processo linear. Logo, é evidenciada a necessidade de organizar e homogeneizar os processos. Rocha e Hage (2010) relatam que a organização seriada está em crise por ser antidemocrática e segregada, pois quando se busca entender como a mente humana aprende, torna-se sem sentido propor que as escolas do campo, multisseriadas ou não seriadas, virem seriadas.

Para tanto, precisa-se superar as visões tão negativas do campo e de seu ensino multisseriado, construindo uma nova proposta educativa para a escola do campo organizada em multisseriação, a qual leve em consideração os seguintes aspectos: a necessidade de investigar as diferentes formas de organização do trabalho pedagógico realizadas em turmas diferenciadas por idade e aprendizagem; a reformulação da proposta político-pedagógica das instituições e do currículo rurais; e as políticas públicas que busquem a qualidade e as retirem do anonimato. (Hargreaves, 2001; Berry, 2001; Rocha e Hage, 2010).

Nesse sentido, Molina e Freitas reforçam que:

Este é um dos desafios e, ao mesmo tempo, uma das possibilidades da escola do campo: articular os conhecimentos que os educandos têm o direito de acessar a partir do trabalho com a realidade, da relação entre educação com a cultura e com os conhecimentos científicos a serem apreendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento. Surge daí uma grande potencialidade de dimensões formativas que foram separadas pela cultura fragmentada e individualista do capital, embora na vida real se apresentem articuladas, imbricadas, às vezes mesmo em simbiose. Além de contribuir com a construção da autonomia dos educandos, essas articulações propiciam a internalização da criticidade necessária à compreensão da inexistência da neutralidade científica, com a localização da historicidade dos diferentes conteúdos e dos contextos sócio-históricos nos quais foram produzidos. (2012, p. 27)

As autoras estão explicando sobre a importância da articulação do trabalho pedagógico que a escola do campo desenvolve, e que este conhecimento esteja relacionado com a realidade dos discentes, promovendo estratégias de ensino que estejam vinculadas ao cotidiano sócio cultural ao qual a escola esteja inserida. Dessa forma, valem apontar alguns métodos de ensino em que seja possível abordar, tema que venha trabalhar a cultura local, como: música regional, dança, agricultara a forma de viver e se relacionar no campo, política, economia e diversos assuntos que envolva a vida em sociedade. Partindo desse pressuposto, as autoras salientam ainda sobre a fundamental importância de se desenvolver uma prática de ensino em que o aluno possa ter a livre expressão; sendo capaz de criar, reproduzindo o que está sendo ensinado e aprendido; ler, refletir e compreender o que construiu, pois este processo culmina na aquisição de conhecimento e, contextualizar, o que leva o discente a relacionar o que se aprendeu com diferentes contextos.

Molina e Freitas ainda ressaltam que a cultura fragmentada foi o motivo pela qual se levou a separação de tal potencialidade de dimensões formativas, ou seja, as culturas individualistas e capitalistas são vista como forma de encobri a real necessidade de um sistema de ensino. E na escola do campo, fica bastante evidente a forma como se articula esse modelo de ensino. Infere-se a partir do exposto acima, que estas articulações desenvolvem papel primordial na educação da criança aprimorando sua autonomia e contribuindo na aquisição de conhecimento. É importante ainda falar que essas articulações favorecem muito o potencial do pensamento crítico dos discentes.

De acordo com Molina e Freitas (2012), atribui-se à escola do campo uma importante contribuição no processo mais amplo de transformação social, o que se faz através da intencionalidade de um projeto de formação de sujeitos que percebam criticamente as escolhas e premissas socialmente aceitas, bem como que sejam capazes de formular alternativas de um projeto político. À escola do campo, coloca-se o desafio de formular e executar um projeto de educação integrado a um projeto político de transformação social liderado pela classe trabalhadora, o que exige a formação integral dos trabalhadores do campo, no sentido de promover simultaneamente a transformação do mundo e autotransformação humana.

Há ainda o destaque sobre a importância de um processo mais amplo de educação que possa contribuir com a transformação social da educação no campo, ou seja, estão fomentando sobre a atribuição que é dada a este modelo de ensino, a escola como suporte na formação do cidadão e o seu papel diante da vida social dos alunos. As autoras questionam ainda sobre os efeitos positivos que um projeto político pedagógico, dependendo de sua articulação, pode oferecer em um determinado sistema de ensino. No modelo de educação do campo, a proposta de se inserir em seus projetos os aspectos da cultura do aluno aos saberes das práticas sociais na construção de uma educação humana, possivelmente estará contribuindo para a formação integral do indivíduo e sua qualificação para o mercado de trabalho.

A partir da visão dos estudiosos, quando se fala que à escola do campo é colocado o desafio de criar seu projeto e executar suas ações, entende-se que neste ambiente educacional é dada ao professor das classes multisseriadas a responsabilidade de planejar, criar e desenvolver todo o processo de atividades que estão voltados para a formação do aluno. Neste modelo de planejamento, o professor docente da escola do campo acaba sendo o agente principal na construção de todo o sistema educacional de ensino; elabora projetos, cria estratégias e metodologias de ensino, confeccionando materiais que envolvem a ludicidade, instigam seus alunos no interesse pela leitura e sua formação. Neste campo de articulação das atividades, este professor organiza também trabalhos de secretaria como: elaboração de fichas, calendário escolar, boletins, declarações, históricos e organização de diário de classes; além da organização de merenda escolar, seu cardápio e outros. Dessa forma, o professor da escola do campo é visto como principal mediador e construtor de conhecimento dentro de sua categoria e

modalidade de ensino; em certas comunidades, as pessoas ao seu redor acabam atribuindo grande respeito pela função que desenvolve.

Olhando por outro viés, estes profissionais que promovem educação em classes multisseriadas, merecem uma atenção especial da parte de seus governantes, no sentido de apoio ao seu trabalho, investimento na carreira profissional, valorizando esta nobre categoria, criando projetos que incentive sua formação e que reflita na formação dos discentes.

Sobre os recursos didáticos que são oferecidos aos professores da escola do campo, é possível descrever que nem sempre são materiais adequados à sua modalidade de ensino, e muita das vezes é necessária que haja adaptação para ser inseridos em suas práticas pedagógicas. É dada ao docente da escola do campo a responsabilidade de criar estratégias de ensino, planos de aulas e metodologias que possam instigar os alunos a desenvolver suas habilidades e melhor compreender seu papel diante do processo ensino e aprendizagem.

Conforme afirma Rocha e Hage (2010), a maioria dos materiais de apoio didático-pedagógicos elaborados e distribuídos para os anos iniciais do Ensino Fundamental apresentam algumas limitações. Os professores costumam relatar que estes materiais são difíceis de entender e não apresentam sintonia com o contexto rural. O fato é que se torna especialmente difícil de utilizar estes materiais nas salas de aula multisseriadas, nas quais os professores enfrentam um maior grau de dificuldade em função dos diferentes níveis de escolaridades, bem como da sobrecarga de trabalho exigido do profissional que atende sozinho os diferentes níveis. Embora se perceba alguns esforços do poder público para oferecer melhores condições de infraestrutura e didático-pedagógicas, o quadro-negro continua sendo o recurso pedagógico mais usado.

Apesar do reconhecimento, da necessidade e da importância das escolas multisseriadas, nem sempre há uma completa consciência das dimensões reais da educação nesta modalidade e seu potencial para todas as situações com grande diversidade. Rocha e Hage (2010), também, relatam que os professores não são adequadamente preparados para trabalhar nesta realidade, apresentando dificuldade em organizar o processo pedagógico nas classes multisseriadas. Fator esse que ocorre, muitas vezes, por trabalharem com a ideia de união de várias séries e, conseqüentemente, com a elaboração de tantos planos de ensino e de avaliação da aprendizagem diversificados para cada ano. Percebe-se que esses

estão angustiados e ansiosos na tarefa de trabalhar simultaneamente, alunos em vários níveis de aprendizagem, de diferentes idades. Para Hage (2010), as estratégias de avaliação para séries multisseriadas precisam ser empregadas; portanto, os professores precisam de orientação, formação e exemplificação relativa para efeito de formação.

A pesquisa de Gatti e Davis (1993) contribui para uma reflexão sobre o multisseriamento por apontar para a necessidade de soluções ao seu enfrentamento, e apresenta algumas alternativas aos problemas levantados:

Dobrar a jornada diária de trabalho do professor, de forma que em cada período se conte, em sala de aula, com apenas duas séries [...] essa proposta está condicionada à garantia de que também a remuneração do docente será dobrada. Quaisquer que forem as soluções levantadas para o problema da multisseriação, o central é aprofundar maneiras mais eficientes (e não estigmatizantes) de se agregar os alunos, de se transformar os currículos das escolas rurais em conhecimentos concretos e de se estabelecer critérios confiáveis de avaliação. Muito da experiência acumulada pelo professorado leigo pode ser aproveitada, construindo-se, em conjunto, não só os conteúdos como também as formas mais efetivas de se transmitir o conhecimento por meio da prática pedagógica. (GATTI e DAVIS, 1993, p. 161)

Gatti e Davis estão ressaltando sobre a proposta de ensino em que a árdua jornada diária que o professor da escola do campo assume, ou seja, o modelo de educação da escola do campo nas turmas multisseriadas, que geralmente, o professor docente leciona em classes que contém três ou, mas séries juntas. Diante disso, as autoras estão enfatizando que nesta proposta de ensino, poderia dobrar a jornada de trabalho, possivelmente para dois turnos, trabalhando apenas com duas séries e conseqüentemente, também dobraria sua remuneração, já que este professor estaria desenvolvendo uma jornada de trabalho superior aos demais profissionais do ensino regular e este profissional ganharia equivalente à sua carga horária.

Essa proposta de trabalho seria uma forma de valorizar e motivar mais o professor da escola do campo. As autoras estão questionando que qualquer proposta que seja levantada para tratar de tal modalidade de ensino, que seja para fortalecer, as correntes pedagógicas da educação no campo, principalmente no aprendizado, propiciando ao professor e aos alunos formas eficientes de fazer educação, de envolvê-los num processo de ensino e aprendizagem que seja capaz de refletir em seu contexto social. Dessa forma, dando significado ao trabalho do docente e levando a comunidade uma educação digna.

Há uma possível expressividade na fala das autoras quando elas relatam sobre a importância de se transformar o currículo da escola do campo em ações que sejam mais adequadas a realidade dos alunos que compõe as classes multisseriadas, ou seja, um currículo que possa oferecer uma educação capaz de fazer o aluno pesquisar, criar, contextualizar e refletir sua cultura e seu contexto social, tornando-o assim agente de uma consciência mais crítica. Outro ponto importante a ser mencionado é forma de avaliação que deve ser realizada pela escola do campo, pois neste método de avaliar o aluno é possível levar em consideração o modelo de avaliação contínua, ou seja, o processo ao qual o discente esteja inserido. É fundamental que o professor desenvolva atividades que atraem a atenção de seus alunos e que os envolva nas aulas, assim, em conjunto, interagindo com o outro possivelmente será alcançado um resultado positivo.

Destaque-se a importância de se aproveitar as experiências dos professores que não possuem qualificação em nível superior que atuam com classes multisseriadas, mas que tem uma vasta experiência de sala de aula e que pode contribuir bastante no processo de ensino e aprendizagem na formação destes educandos. É possível salientar que muitos destes professores, em suas práticas em salas de aulas, demonstram mais interesse pelo trabalho docente, pesquisam, confeccionam e criam recursos didáticos, renovam suas metodologias e conseqüentemente adquire mais conhecimento, mostram-se ser mais preparados para exercer suas funções dentro do campo pedagógico. Este é um dos perfis de muitos docentes que não possuem a formação do magistério, mas que levam muito a sério sua missão de educar, de transformar sonhos em realidades.

A educação no campo pode oferecer muitas oportunidades para os indivíduos que buscam conhecimento e pretendem se qualificar para o mercado de trabalho, pois sendo bem trabalhada, ela poderá abranger não somente a vida do aluno, mas de toda comunidade. Em seu sentido real, as classes multisseriadas são vista como uma significativa oportunidade para as crianças e professores da escola do campo, é uma forma de levar a comunidade refletir sobre a importância de sua cultura e produzir conhecimento. Vale frisar que dentro deste modelo de ensino poderá haver metodologias que são específicas das classes multisseriadas e que estão vinculadas à vida cotidiana desses discentes. Ou seja, escola e comunidade, juntas poderão está se fortalecendo através do ensino que é oferecido aos seus filhos, construindo novos caminhos e contribuindo para uma sociedade democrática.

Parece evidente, como afirma Berry (2001); Hargreaves (2010); Arroyo, Caldart e Molina, (2011) que a escola multisseriada pode ser uma oportunidade de os professores oferecerem um apoio significativo à comunidade e obter um bom apoio dos pais, tomando-se iniciativas positivas e de ação afetiva para melhorar os resultados dos alunos. A descrença quase que generalizada em relação às classes multisseriadas decorre, muitas vezes, do conhecimento da qualidade e da possibilidade de inovação que essa metodologia pode apresentar, assim como se ignora a importância dessas escolas na cultura e na vida social das comunidades rurais (Druzian e Meurer, 2013, p. 140).

Acredita-se que a escola seja o primeiro passo para que os sujeitos conheçam novos mundos, novas ideias, ou melhor, é o lugar que serve de ponte para o desenvolvimento e a aprendizagem. Para isso, procurou-se partir sempre da realidade vivida pelos alunos, embasando a prática no coletivo, ou seja, na ação conjunta com docentes, alunos e parceiros.

Portanto, considera-se que seja mais do preciso elaborar uma proposta educativa para as escolas do e no campo, buscando um novo projeto de aprendizagem alicerçado às necessidades populares dos diferentes sujeitos que no espaço rural residem e constroem suas relações. Além disso, para que se busque a edificação de políticas públicas que incentivem as instituições de pesquisa e de extensão a programar projetos conjuntos na sociedade, visando, de forma efetiva, a transferência de tecnologia e a inovação dos processos. Tudo isso para construir um caminho de mão dupla, no qual a sociedade e as instituições aproximam-se, a fim de resolver os problemas conjuntamente.

Dentro dessa perspectiva não basta criar uma escola no campo a partir da concepção urbana, pensada para os cidadãos que habitam esta localidade, a escola precisa ser pensada pelos sujeitos que ali vivem, para que efetivamente sintam-se pertencentes a este ambiente, protagonistas da construção desta instituição. A educação a ser ofertada, precisa ter a capacidade de compreender as especificidades do homem da cidade e do homem do campo, as diferenças entre os modos de vida, os espaços e a vivência destes sujeitos. Caldart (2002) ao discutir Educação do Campo considera que:

A educação do campo é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. No: o povo tem o direito a ser educado no lugar onde vive; Do: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. [...] não pode ser tratada como serviço, nem como política compensatória; muito menos como mercadoria (CALDART, 2002, p. 26).

A escola do campo desenvolve papel importantíssimo na vida do sujeito e sua transformação na sociedade. A educação é um processo de construção que vem se intensificando no decorrer dos tempos, e na vida rural, ela é capaz de despertar no educando maior interesse pela vida em sociedade, e a construção de sua identidade. Vale ressaltar que dentro desse modelo de educação, existem as políticas públicas que podem garantir seus direitos. É importante que de fato estas políticas públicas estejam voltadas para a vida dos educandos da escola rural, pois, dessa forma, o indivíduo compreenderá melhor os caminhos a serem percorridos no decorrer de sua existência.

Em suas palavras, Caldart explica sobre a educação no campo a educação do campo. Nota-se que existe uma grande semelhança, que se difere bem pouco, pois a educação no campo vem contemplar o povo que vive em sua própria localidade, ou seja, no lugar onde vive. A escola do campo, segundo Caldart, o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. Em sua expressividade, é possível compreender a real importância de se implantar um ensino que seja capaz de incomodar o homem do campo. Ou seja, uma educação que envolva a vida cotidiana desses sujeitos, no trabalho, lazer, esportes e as demais áreas que dominam.

É importante que a cultura do aluno do campo seja explorada na escola, e que o docente aborde conteúdos que provoquem inquietações em seus discentes, que os façam refletirem sobre a formação de sua cultura, a desenvoltura do pensamento do homem campestre. Dessa forma o ensino se torna mais significativo e instigante para todos.

Exercer o papel, enquanto educador da escola do campo vai além de ensinar os alunos, pois se entende que seja necessário, a partir dos trabalhos na escola, na família e na comunidade escolar, fazer a diferença, respeitando a existência de tempos e modos diversos de ser, viver e produzir. (Druzian e Meurer, 2013, p. 142)

É possível contextualizar o ensino no campo desenvolvido nas escolas que atendem alunos em classes multisseriadas com o ensino desenvolvido na escola composta de classe “normal”, percebe-se que há um grande desafio para o professor no sentido de buscar conhecer tais realidades, ou seja, o contexto a qual esteja inserido seus alunos. Isso se faz necessário, pois para construir uma

educação de qualidade, é necessário que a escola e comunidade estejam se interligando entre si; assim, gera-se conhecimento.

Nas classes multisseriadas, o professor é desafiado a conduzir uma turma com séries diferentes, embora sejam alunos de uma mesma comunidade se torna difícil, pois há uma preocupação redobrada ao elaborar planos de aulas diferenciados, já que são duas ou três séries distintas. O professor da escola que atende o aluno em classe “normal” assume também o compromisso de atingir no aluno seus conhecimentos e explorar suas habilidades, construindo assim, novas maneiras de ensinar e novas formas de aprender. A educação ganha responsabilidades como o estabelecimento de uma cultura de paz, a ampliação de atitudes democráticas, a tolerância e a coesão social.

Os novos desafios da educação para o século XXI devem estar atrelados a novos aprendizados, que se desenvolvam por toda a vida. São os quatro pilares da educação: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos; aprender a ser. Esses pilares são considerados modelos de desenvolvimento da educação, objetivos a serem alcançados por todas as instituições escolares. Tornam-se competências que o aluno deva adquirir caso queira se adequar às novas exigências educacionais para o século XXI:

A educação ao longo da vida apareceu como possibilidade de o sujeito adquirir competências necessárias para atividade laborais futuras, aprendendo a lidar com as incertezas do mundo do trabalho e com a crise do desemprego. (JANATA; ANHAIA, 2015, p. 05).

Os princípios fundamentais para a formação de professores que atuam em escolas/ classe multisseriadas do campo, a nosso ver, precisam articular-se com a educação do campo, que percebem a importância e a necessidade de ampliá-la para além do acesso a terra, entendendo que são necessárias mudanças mais radicais na estrutura da sociedade. A educação vai sendo incorporada, gradativamente, como fundamental nesse processo. Coloca-se na agenda nacional o campo brasileiro em seus diferentes aspectos, com ênfase na educação e na discussão de um projeto de sociedade, denunciando a precariedade das escolas do campo e a necessidade de formação para os professores que atuam nas mesmas (Caldart, 2008; Molina, 2009).

Destacamos alguns princípios que são essenciais de serem considerados ao tratarmos da especificidade das escolas/ classes multisseriadas do campo, a partir

da contribuição a acúmulo da Educação do Campo. A ordem em que apresentamos no texto não foi aleatória, embora também não signifique um grau de importância, sendo mais vinculada com uma articulação entre os termos apresentados.

O primeiro dos princípios diz respeito à própria função da escola, que é possibilitar o acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados, o que determinamos como universais. Entretanto, a Educação do Campo reforça a necessidade da articulação da escola com a vida, outro princípio, o que traz a importância dos conhecimentos da experiência cotidiana, como essenciais para pensar as relações e contradições da produção da vida humana.

Freitas (2010) ao abordar a relação da escola com a vida afirma que o campo tem sua singularidade, assim a escola precisa se conectar com essa vida, para que desde as contradições e os conteúdos da vida presentes nela, possibilite o acesso à produção cultural mais universal. Assim, ao mesmo tempo em que não se abre mão dos conteúdos clássicos nos termos de Saviani (1996), também se propõe a necessária conexão do trabalho pedagógico com as experiências que as crianças e jovens do campo enfrentam para produzirem suas vidas. Em síntese:

O principal fundamento do trabalho pedagógico é a materialidade da vida dos educandos, possibilitando que os mesmos se apropriem dos conhecimentos, num processo que se faz colado com a sua vida e não apartado da realidade. (JANATA; ANHAIA, 2015, p. 11)

Por fim, a partir da constatação de que são necessários avanços no conteúdo e na forma da escola, mais um princípio é formulado pela Educação do Campo, o da possibilidade de organização de diferentes tempos e espaços educativos. Imbricado a este, tem-se outro, o que envolve a gestão coletiva e participativa, promovendo tempos e espaços de auto-organização dos estudantes e a constituição de coletivo de educadores. As experiências dos pioneiros da educação russa pós-revolução soviética (de 1917 a 1934), sobretudo a partir das contribuições de Pistrak (2000), além da experiência de Makarenko, à frente da colônia Gorki, são bases que orientam esses princípios assumidos pela educação do campo.

Em síntese, tendo em vista o contexto das políticas educacionais neoliberais implementadas no Brasil, a conseqüente intensificação do processo de nucleação das escolas/ classes multisseriadas, ao mesmo tempo em que se propõe uma política governamental de formação específica para os docentes que atuam neste espaço nos levam a afirmar o estratégico posicionamento de buscar problematizar

essa formação na articulação com a Educação do Campo, resultante do acúmulo das lutas dos movimentos sociais do campo. Assim, no item seguinte elaboramos as considerações, que buscam para além de fechar as questões, indicar possíveis caminhos no sentido de contribuir para o avanço da formação de docentes das escolas/ classes multisseriadas, a partir da incorporação dos princípios da Educação do Campo. (Janata e Anhaia, 2015, p. 12)

Na crítica à Escola Ativa, os referidos autores indicam também outro fator relevante, a necessidade de uma fundamentação teórica crítica da educação, permitindo “[...] alterações na prática pedagógica e para a elevação do padrão cultural de professores e estudantes no Brasil” (D’Agostini; Taffarel; Santos Júnior, 2012, p. 320). Tomou-se a liberdade de transpor tal assertiva para a formação de docentes de classes/ escolas multisseriadas, assumindo a importância da apropriação teórico-prática da perspectiva da psicologia histórico-cultural, que toma como base os estudos de Vygotsky. Um dos conceitos que consideramos essencial para contribuir na discussão sobre a formação docente e a organização do trabalho pedagógico nas classes/ escolas multisseriadas é o de nível de desenvolvimento efetivo, aquele que indica o domínio da criança, demonstrando o que ela já conhece e realiza sozinha. Além dele, o conceito de nível de desenvolvimento iminente, que é “[...] determinado da solução de problemas –pelas crianças- sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes”. (VYGOSTKY, 1991, p.97)

Marsiglia (2011) indica uma consequência necessária ao entendimento desses conceitos, ressaltando que o educador precisa realizar seu trabalho pedagógico com seus educandos atuando justamente na zona de desenvolvimento iminente, tornando-o efetivo e avançando “[...] rumo a um maior grau de apropriação do conhecimento, fazendo com a criança e não para ou por ela” (p. 37). Nos termos de Scalcon (2002), o educador, na perspectiva histórico-cultural, é um “mediador entre o sujeito da aprendizagem e o conteúdo do ensino”, um “criador da zona de desenvolvimento” (p. 137), com intencionalidade na sua prática pedagógica, reconhecida como prática social.

Nossa postura teórico-prática ocorre no sentido de buscar compreender como a materialidade vivida nas turmas multisseriadas, com crianças de idade entre 6 e 10 anos, que apresentam diferentes níveis de desenvolvimento efetivo e iminente, podem potencializar, a partir da interação entre professor-aluno, bem como aluno-

aluno, os processos de apropriação do conhecimento, preceito caro à psicologia histórico-cultural.

Entretanto, isso requer uma sólida formação de docentes que atuam nesse espaço para que, a partir da compreensão dos fundamentos teóricos dessa concepção, possam lançar mão de estratégias pedagógicas intencionais que impulsionem a aprendizagem de seus estudantes, garantindo o acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados:

Não se abre mão da centralidade do adulto nesse processo, tendo ele a função de planejar, intervir, sistematizar, avaliar e replanejar o trabalho pedagógico, atividades que dizem respeito à especificidade de sua atuação profissional. Entretanto, não se fecham os olhos às possibilidades que as condições do real trazem ao trabalho do professor, entendo que nestas podem ser encontradas germens de superação da escola capitalistas, ainda que fiquem no plano da luta possível no presente. (JANATA; ANHAIA, 2015, p. 12-13).

Como concebemos a importância da compreensão dos ciclos de formação para qualificação do trabalho pedagógico das classes/ escolares multisseriadas? Novamente a materialidade se impõe, pois, as escolas multisseriadas já trazem concretamente todo o ciclo da infância em uma única turma, além da possibilidade de romper com lógica excludente e subordinadora da reprovação, como aponta Freitas (2003), uma vez que a criança tende a complementar toda a sua escolarização dos anos iniciais do ensino fundamental nessa turma.

Compreendemos que uma formação qualificada, que permita aos educadores que trabalham com essa realidade compreender os fundamentos teóricos já apresentados, os quais tomam como orientação uma concepção teórica crítica da educação, assume uma potencialidade para o avanço das escolas multisseriadas e também nos rumos da Educação do Campo no país.

A elaboração/ reformulação dos Projetos Políticos-Pedagógicos (PPP) das escolas multisseriadas é outro elemento para o fortalecimento da formação docente, entretanto precisa estar articulado à superação do isolamento do trabalho pedagógico, como explica Barros et al. (2010), a solidão do trabalho, o isolamento e o pouco preparo para lidar com a heterogeneidade de idades, séries, ritmos de aprendizagens, entre outras são problemáticas enfrentadas pela uni docência das escolas/ classes multisséries.

Assim, a constituição de equipes multidisciplinares atuando nas escolas, seja permanentemente ou em forma de rodízio com outras escolas dentro de um mesmo

município é uma necessidade, pois além de avançar na afirmação da profissionalização do trabalho docente em turmas multisseriadas, considerando suas especificidades, permite um atendimento de melhor qualidade às crianças e adolescentes, bem como contribuir para ações coletivas no espaço escolar.

No âmbito das ações coletivas a elaboração do PPP ganha força na qualificação do trabalho docente, estando articulada com uma formação mais ampla, exigindo parcerias com as IES, no sentido de se consolidar como um momento de estudo, pesquisa e reflexão sobre o trabalho pedagógico em turmas multisseriadas, problematizando suas contradições e possibilidades.

A necessidade planejar com outros pares, a fim de possibilitar trocas e reflexões sobre a prática e também uma necessidade que pode ser superada com a instituição das equipes multidisciplinares. A partir da contribuição de Marsiglia e Martins (2010), compreende-se que o planejamento precisa associar o plano horizontal, que busca articular os conteúdos em longo prazo, perpassando uma etapa, ciclo ou conjunto de séries, com vertical, aquele que prevê as atividades considerando as possibilidades de desenvolvimento de cada estudante, identificando os conteúdos que especificam, aprofundam e particularizam os conteúdos gerais. Compreende-se esse como mais um elemento que tende a contribuir para o avanço na qualidade das classes/ escolas multisseriadas.

A educação do campo em classes multisseriadas apresenta-se como uma série de desafios. É fundamental fortalecer as práticas socioculturais, desenvolver currículos e programas específicos, e manter constantemente formação de professores especializados em educação do campo.

A ideia de realização desta pesquisa surgiu do contato com professores das classes multisseriadas no seio da floresta amazônica paraense, e à beira dos rios, provocando diversos sentimentos, tais como: impotência, angústia, vontade. Naquela realidade educacional, entendi qual o sentido da educação para meu Estado, país, para mim e, principalmente, para aqueles indivíduos que alimentam o sonho de uma melhor qualidade de vida. Não tenho a intensão ingênua de acreditar que a educação seja o único meio de resolver os problemas de uma sociedade, mas tenho como base os fundamentos da educação como prática transformadora a que me refiro quando associo educação ao desenvolvimento social. Não se pode esquecer que a educação é um processo pelo qual a sociedade forma seus

membros à sua imagem. A educação pode transformar a sociedade e gerar uma nova consciência entre os cidadãos.

[...] mais do qualquer outra escola, [...] a rural encontra-se subordinada ao efeito conjunto de diversas condicionantes, que vão desde o abandono material e a precariedade de formação docente até o efeito das modalidades de trabalho na terra e da manipulação abusiva dos políticos locais. Constatou-se, assim, mais uma vez, que fatores estruturais ocasionam um efeito específico sobre a trajetória escolar do aluno rural, na medida em que restringem o acesso à escolaridade, limitam a permanência na escola e, sobretudo, determinam a qualidade da experiência que nela tem lugar. (GATTI & DAVIS, 1993, p. 148)

Os autores expressam a severidade da realidade da maioria das escolas no meio rural brasileiro. Embora se possa tratar de especificidades locais no sul, centro-oeste, nordeste, ou norte, as escolas rurais oficiais, sofrem o descaso e o excesso de interferências externas, quando há interesses. As demandas por materiais básicos de funcionamento, como giz, quadro desente, papel para a secretaria, material oficial de frequência e expedientes da escola, são mantidas como se fossem questiúnculas de professoras despreparadas. É comum que as secretarias despachem uma quantidade pequena de material, em um período do ano. Afora isto, as escolas precisam se manter com o esforço de professoras e constantes reclames aos pais e pedidos de dinheiro para eventos, limpeza e alimentação, nas escolas.

Ressalte-se que a maioria dos cursos de formação de professores, mesmo em nível superior, não se ocupam da formação para o trabalho em classes multisseriadas. Quase sempre a professora “sabe” que pode ir trabalhar em uma escola com esta modalidade escolar, mas não deseja, nem tem a preparação adequada. Esta formação, em geral, é adquirida na prática e na socialização de experiências, com colegas de mais tempo em atividades. As secretarias chegam a alegar que sempre se teve este tipo de formação e que nunca as professoras chegaram a cobrar uma formação específica.

Assim, as professoras seguem seus trabalhos na prática do “ensaio e erro”, mais do que no planejamento racional e “tecnicamente” comprovado. Quando os autores escrevem: “na terra e da manipulação abusiva dos políticos locais expressas a pior de todas as realidades que determinam o “fazer pedagógico” nestas escolas de zona rural”. Muito provavelmente, esta realidade atinge as escolas urbanas, mas, seguramente, é no interior que esta interferência e manipulação se potencializam. Isto ocorre porque, quase sempre, nas escolas rurais “padrão”, não existe mais do que duas professoras, quando muito há merendeiras, ou outro serviço de apoio. Na

escola urbana, um grupo de onze (11), vinte (20) professores, significa um volume de intimidação para a covardia política. No campo não. Uma autoridade inescrupulosa não se envergonha de manipular, amedrontar e demitir uma professora e ainda caluniá-la, frente à comunidade. Esta não é uma situação pedagógica, longe disto, é uma situação criminal que atenta contra a dignidade de profissionais e de pessoas simples de comunidades distantes do poder público e dos órgãos de justiça. O professor se torna um alvo fácil para o logro e a manipulação. Muitas perdem seus empregos, inclusive decaindo em processos de doenças, depressão e desestruturação familiar. Outras sucumbem ao manipulador. Perdem sua condição moral para manterem o emprego.

Os teóricos ressaltam sobre a importância de uma escola no campo com estrutura adequada para receber estes educandos, pois o ambiente escolar deve ser um espaço que ofereça recursos que possa subsidiar o ensino e o trabalho docente, ou seja, agradável e acolhedor; este aspecto influencia muito no aprendizado do aluno e pode favorecer o trabalho do professor. A forma como a escola recebe seus alunos também é importante para que os mesmos se sintam acolhidos, seja na sala de aula na interação com os colegas e professores, no momento de recreação e com os demais funcionários que compõe a instituição de ensino.

Dessa forma, a escola do campo estaria dentro de uma estrutura que se restringe a uma educação que seja capaz de assegurar seus alunos, que lhes ofereça diferentes oportunidades possibilitando-os um ensino adequado à sua realidade, ou seja, ao contexto social do aluno.

No que se refere à educação rural, esta foi estigmatizada e desprezada. Houve um abandono das escolas naquele espaço, sem investimentos financeiros que valorizassem a realidade daquela população, pois os investimentos socioeconômicos efetivamente se concentravam na urbanização. (JUNIOR, 2009, p.20).

O que o autor descreve acima vem ser a realidade de muitas escolas do campo; o mesmo está se referindo a grande falta de recursos nas escolas de educação rural, educação essa que ainda é oferecida nas escolas que ainda continuam sendo abandonadas pelo governo. Muitas das vezes o município é contemplado com verbas para a educação, e estas verbas acabam ficando somente nas escolas urbanizadas, e as da zona rural permanecem sem estrutura física e recursos didáticos.

É válido ressaltar que a educação rural deveria ser oferecida em um ambiente acolhedor, um espaço de motivação aos seus discentes. Para isso, é necessário que haja investimento e compromisso tanto do governo quanto da SEMED dos municípios, para que seja desenvolvido um ensino que possa contribuir na formação do aluno.

Na década de 1940, como relata Almeida (2005) em seus escritos, foram várias dificuldades que acompanharam a educação rural: escolas com funcionamento precário, poucos espaços escolares, escolas distantes umas das outras, dificuldades de comunicação com as escolas, falta de acompanhamento didático e metodológico na prática escolar, ausência de investimentos públicos para o bom andamento das ações educacionais naqueles espaços escolares, falta de formação docente, currículos escolares inadequados, escassez de materiais didáticos, falta de livros, entre outras. Junior (2009) corrobora sobre o assunto:

Como se pode observar, as políticas educacionais não foram suficientes para consolidar melhorias na educação rural. O ruralismo pedagógico foi implantado pelos governantes, criando algumas escolas rurais, com finalidades voltadas aos princípios econômicos e políticos, sem considerar aspectos humanistas e socioculturais daquela população. Consequentemente, a responsabilidade educacional das áreas rurais acabava sendo repassadas aos professores, que deveriam lutar para melhorias de trabalho nessa escolarização (JUNIOR 2009, p. 23).

A educação rural precisa de políticas educacionais que sejam capazes de trazer melhorias para o ensino nas classes multisseriadas, promovendo transformação no contexto da educação básica, pois as políticas educacionais são importantes e fundamentais para guiar a escola e os caminhos que ela deve percorrer na sociedade. Devem-se criar programas e projetos que possa considerar os aspectos humanistas e socioculturais dos povos que compõe o meio rural, levando em consideração o contexto história e social de cada sujeito. É de fundamental importância que os professores reivindiquem melhorias para o ensino educacional no campo e que cobrem das autoridades seus direitos, pois, para se fazer escolarização é necessário que tenha apoio não somente da família, mas da sociedade como um todo, inclusive dos representantes governamentais.

A melhoria da educação não depende somente do professor, mas de todo um conjunto como pais, responsável e principalmente os órgãos públicos e privados educacionais que presam pelo ensino de qualidade na sociedade Brasileira.

O final dos anos 1940 e os anos 1950 foram relevantes para a disseminação das escolas primárias rurais e a promoção das Escolas Normais Rurais. Entretanto, o país se encontrava em grande dificuldade com a escassez de professores. Almeida (2005) relata que cerca de 50% dos professores em atividade no Brasil não tinham o mínimo de formação pedagógica. Especificamente na região Norte, havia no máximo 30% de docentes com algum nível de identificação com o magistério. O professor tinha um papel decisivo nos espaços escolares, pois era ele quem orientava, ensinava noções importantes à comunidade rural e indicava caminhos a serem percorridos para a cidadania.

A falta de professor com formação para atuar no campo educacional é uma situação que vem acontecendo há muitos anos, principalmente quando se refere à formação do magistério. É válido dizer que neste período, entre 1940 e 1950 as escolas rurais já desenvolviam suas atividades pedagógicas, e mesmo com grandes desafios os docentes buscavam vencer o analfabetismo e o abandono socioeducativo. Muitas das vezes, a escola se tornava o único meio pelo qual as pessoas conseguiam orientação para alcançar determinadas atividades, como ações sociais, atendimentos à saúde e atividades culturais.

Assim como no passado, hoje, a escola também tem grande importância na sociedade; ela ajuda promover grandes ações e movimentos sociais que fortalecem ainda mais a relação entre os indivíduos e sua cultura. Na área rural, isso se torna mais forte ainda, ou seja, sua participação na comunidade torna o sujeito mais ativo e participativo na tomada de decisões.

Enquanto a formação docente, de fato ainda existe grande escassez em muitas regiões do país, por outro lado, a universidade vem sendo cada vez mais acessível ao sujeito, tanto a pública por meio de programas, como privada. Isso também tem contribuído bastante para a redução do analfabetismo no país. Como exemplo, pode-se citar o (PARFOR), Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, onde em muitas cidades de diferentes estados brasileiros tem sido bastante útil na capacitação de professores para o exercício do magistério e na formação de seus alunos.

No final do século XX, em 1996, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBN 9394/96 menciona a educação rural. No entanto, ela propõe de forma muito genérica uma educação sem especificar os princípios e limites educacionais da realidade rural. Como lemos no artigo 28:

Na oferta da educação básica para população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
 - II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícolas e às condições climáticas;
 - III – adequação à natureza do trabalho na zona rural.
- (BRASIL, 1996, p. 11-12)

De acordo com a LDBN em seu artigo 28, há uma oferta para educação no campo que é responsável por promover adequações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural ofertando conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses do aluno do campo, mas que esta lei ainda não abrangeu tais realidades de ensino que oferta a escola do campo, pois é sabido que há uma grande dificuldade em exercer o papel de docente nas escolas do campo, principalmente nas classes multisseriadas. Nos incisos que destaca a LDB é expresso o modelo de educação à população rural, adaptações aos conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses destes alunos. Falando dos conteúdos curriculares, o docente que atua na escola do campo tem enfrentando muitas dificuldades, pois estes que atuam em classes multisseriadas, não são contemplados com materiais didáticos acessíveis à turma em que lecionam, sendo assim, é necessário que este educador analise os conteúdos disponibilizados, façam suas adaptações e assim, elaborem seus planos de aulas para assim desenvolver suas atividades.

No segundo inciso, a lei continua descrevendo a respeito da organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e as condições climáticas. Na realidade, essa organização escolar própria ainda não chegou às escolas do campo. Em muitas ocasiões, as secretarias de educação de seus municípios destinam às escolas rurais documentos que nem sempre é apropriada a realidade dos discentes destas escolas, como calendário escolar que não é adaptável à vida do aluno no campo. Por exemplo: no calendário escolar não há uma proposta de adequação que assegure o aluno que trabalha na agricultura, mas especificamente no campo da colheita, ou seja, os alunos não veem nenhuma ação da secretaria de educação que os apoiem no período de produção, já que muita das vezes essa é a única forma dessas famílias ganharem o seu sustento. Partindo do pressuposto, pode-se destacar que esta situação acaba sendo uns do

real motivo pelos quais muitos estudantes acabam evadindo, atrasando seus estudos ou até mesmo desistindo.

Uma ação positiva da Secretaria de Educação junto às escolas do campo e articulando-se, elaborando, construindo planos de ação e projetos que envolvesse as data e períodos de plantação e colheitas, ou seja, a fases do ciclo agrícola e as condições climáticas às quais os alunos da escola rural estejam inseridos; seria uma forma de valorizar seu trabalho e incentivá-los nos estudos. É importante que o professor aborde em suas metodologias de ensino temas que estejam relacionados com o cotidiano de seus alunos, dessa forma, sua aula poderá ser mais prazerosa e significativa.

Em 2002, o Conselho Nacional de Educação do Ensino Básico CNE/CEB instituiu as diretrizes operacionais para a educação básica dirigida à população do campo. Dentre estas diretrizes operacionais para a educação básica estão: buscar uma educação voltada para o desenvolvimento humano e sustentável, além dos investimentos na educação como profissionalização docente continuada e recursos estruturais para uma educação de qualidade.

[...] a identidade da escola do campo é definida a partir dos sujeitos sociais a quem se destina: agricultores/ as familiares, assalariados/ os ribeirinhos, caiçaras, extrativistas, pescadores, indígenas, remanescentes de quilombos, enfim, todos os povos do campo brasileiro. (BRASIL 2004, p. 35).

A escola no campo pode exercer papel fundamental na vida dos indivíduos e na formação de sua cultura, instruindo-os a construir-se entre si. Cada cidadão é responsável pela construção de sua identidade e, em convivência, de construir uma sociedade sociocultural, uma sociedade de paz e diálogo onde haja zelo pelo respeito humano, compromisso e responsabilidade no trabalho. Assim, construindo laços de estima simpatia compartilhando do conhecimento, da arte e suas linguagens.

Sobre a identidade da escola do campo é de fundamental importância ressaltar sobre a diversidade cultural e social, pois o público alvo que é atendido nesta modalidade ensino abrange várias culturas e todas elas possuem suas características, sejam de agricultores, ribeirinhos, caiçaras, extrativistas, indígenas e remanescentes de quilombos, como citado acima. Vale ressaltar, que a escola é capaz de desenvolver conhecimento intelectual entre os indivíduos, de promover a sustentabilidade e fortalecer a sensibilidade das pessoas.

Para que se construa uma sociedade democrática, é necessário que se der autonomia às escolas do campo, que desenvolva através de suas ações pedagógicas potencialidades e a construção de uma cultura afetiva. Segundo se vê em Brasil (2007, p. 25):

As classes multisseriadas comportam aprendizes de séries e níveis diferentes em um mesmo espaço escolar, neste caso, a sala de aula, independente do número de docentes responsáveis pela classe escolar. A unidocência ocorre quando um professor se responsabiliza pela condução de uma classe multisseriada. Portanto, os termos multisseriação e unidocência são equivalentes.

As classes multisseriadas comumente se caracterizam por um professor e vários alunos de séries e idades diferentes, em um único espaço escolar. Não há direção escolar, pessoal de apoio (merendeira, servente e vigias), tampouco materiais didático-pedagógicos (livros, TV, aparelhagem de som, entre outros).

O estudo de Ferri (1994), desenvolvido com professores de classes multisseriadas da região do meio-oeste Catarinense, aponta vários entraves encontrados a partir dos relatos dos próprios professores daquela realidade educacional. Uma das grandes dificuldades está no processo da alfabetização, porque as crianças chegam à escola sem o aprendizado da educação infantil. O professor não se sente preparado para alfabetizar em função da sua formação profissional; há ausência de recursos materiais e falta de incentivo familiar para facilitar a aprendizagem da linguagem escrita.

Outra dificuldade apontada no estudo Ferri está ligada à família, que não participa da vida escolar das crianças, por serem analfabetos, ou porque o trabalho impede o acompanhamento dos filhos na escola. Ademais, a autora também aponta que diversas tarefas são executadas pelo professor para manter a infraestrutura da escola, dificultando a dedicação exclusiva ao ensino.

Conforme, Brasil (2007), os diagnósticos da educação do campo têm evidenciado como principais questões: predomínio de classes de multisseriação, precariedade do espaço físico escolar, falta de um sistema de transporte escolar ausência de condições de trabalho, rotatividade dos professores, falta de atualização pedagógica para docentes, distorção série-idade, baixo desempenho escolar dos alunos, calendários escolar urbanocêntrico, desvalorização de aspectos individuais no processo ensino-aprendizagem, ausência de merenda, falta de transportes escolar, ausência de supervisão e direção escolar, entre outras.

“Nessa educação campestre com classes multisseriadas nota-se um modo de ser da escola brasileira muitas vezes, desconhecido e desprezado pelas políticas públicas educacionais” (Junior, 2009, p. 36-37). O professor e sua formação são componentes fundamentais para que se concretize uma prática educacional fundamentada no compromisso socioeducativo. Os dados trazem evidências da baixa formação docente e a necessidade de capacitar os professores com uma formação docente inicial:

A escola é uma instituição formal de educação que contribui para a formação cultural do indivíduo, pois agrega valores, produz novos comportamentos, novas sensibilidades e possibilita ao indivíduo a capacidade de conhecer e transformar o mundo. (JUNIOR, 2009, p. 43)

As outras pesquisas mostram a perspectiva educacional da multisseriação abordada pela educação matemática, bilinguismo, aquisição de conceitos científicos e ensino e aprendizagem das ciências naturais. Pode-se concluir que as pesquisas brasileiras mostram diversas abordagens e práticas que problematizam o sistema escolar multisseriado, considerado professores, alunos, práticas pedagógicas e políticas públicas educacionais. O ensino-aprendizagem oferecido neste cenário educacional ao longo da história esteve distante de uma educação de qualidade; entretanto, os resultados das pesquisas podem indicar alternativas de melhorias para essa realidade educacional.

Além dos estudos científicos, alguns docentes, como o Brasil (2007), reconhecem que há uma ausência de condições de trabalho adequado para os docentes e educação do campo de um modo geral no cenário brasileiro. Na prática docente, nota-se um empenho em produzir materiais pedagógicos que facilitem a aprendizagem da linguagem escrita. Esta forma de atuação docente envolve aquisição de recursos materiais como cola lápis de cor, giz de cera, diversos papéis, entre outros, para que haja condições adequadas de ensino e aprendizagem.

Como se pode observar, nas pesquisas de Gatti e Davis (1993), realizadas na educação do campo em classes multisseriadas, a escola oferecia às crianças que viviam no campo uma ocasião para o convívio social com seus pares, para trocas de ideias e experiências, e particularmente para a inclusão no universo infantil de jogos e brincadeiras. Ademais era importante à possibilidade de a criança manusear livros, mas estes se encontravam ausentes na região da pesquisa realizada pelos pesquisadores. Nessa perspectiva, há o posicionamento do autor Junior (2009, p.

93-94): “É imprescindível que se crie uma política pública de distribuição de livros didáticos adequados ao sistema educacional multisseriado e de recursos materiais para que os docentes produzam atividades lúdicas para a alfabetização.”

O modelo de desenvolvimento implantado no campo brasileiro historicamente privilegiou a uma elite social, sendo quase inacessível para grande parte da população rural, ou ainda, relegada a segundo plano. Na concepção desta elite, era desnecessária a escolarização das pessoas que vivem no campo, já que estas não utilizam a leitura e a escrita no trabalho agrícola. Propôs-se a implementação da Educação do Campo articulando a construção de valores humanizantes, como solidariedade, democracia, justiça e transformação social, considerando o modo de vida, os significados e saberes das pessoas das pessoas que vivem nesta localidade, buscando valorizar suas relações culturais, econômicas de trabalho. A Educação do Campo contrapõe-se à Educação Rural, pensada a partir do urbano e utilizada para favorecer o agronegócio, como forma de superar a cultura do camponês, considerada ultrapassada e ancorada em técnicas arcaicas. (Chaves e Foschiera, 2014, p. 77).

A Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu Artigo 205, estabelece que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. A LDB de 1996, em seu artigo 1º, institui que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (BRASIL, 1996).

Mesmo após estes acontecimentos, para Wizniewsky (2013, p. 159), “a escola das comunidades rurais não sofreu transformações significativas, estando esta no campo sem pertencer a ele”. Cabe destacar que a Educação do Campo, por muito tempo, foi relegada a segundo plano. Leite (1999) chama atenção para esta situação:

A educação rural no Brasil, por motivos sócio-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores e teve por retaguarda ideológica o elitismo, acentuado no processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação político-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos”. “Isso é coisa de gente da cidade”. (p. 34)

A história da educação do campo no Brasil é vista como um modelo de ensino não valorizado pelos seus governantes, ou seja, considerado um sistema de ensino inferior, no que se refere a uma educação de princípios igualitários. Leite chama atenção citando o processo educacional instalado pelos jesuítas fazendo referência ao modelo de educação ao qual o povo campestre está inserido. Ou seja, a uma forma de ensino em que, para aprender a ler e escrever, os povos teriam que seguir uma ordem ditada pelos jesuítas, um modelo de ensino voltado para os princípios da igreja católica. Vale dizer que os Jesuítas foram os primeiros educadores a desenvolver o processo de alfabetização no Brasil. O método de ensino adotado pelos Jesuítas era voltado mais para a oralidade. Dessa forma, o indivíduo teria que aprender a ler e escrever. É importante ressaltar que este modelo de ensino perdurou por muito tempo, teve grande importância e influência no processo de disseminação da educação brasileira. Ou seja, foi a partir da educação dos Jesuítas que se originou um sistema de ensino onde grandes partes dos indivíduos tiveram oportunidade de aprender.

Sobre tal forma de ensino, o autor ainda continua ressaltado que a educação rural está submetida a uma elite governamental onde pouco é investido na escola do campo e que a mesma é vista como sistema de ensino ocupado por “gente da roça”, deixando explícito ainda que estudo é “coisa de gente da cidade”. Tal expressão faz-se entender que o povo campestre não tem direito a educação, mais sim, o povo da cidade. A educação rural sempre procurou suprimir a cultura desta população, tanto que os jovens que conseguem frequentar a escola acabam saindo da área rural, com o agravante de que a maioria não tem o desejo de retornar, segundo a concepção de Leite (2002).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este estudo buscou trabalhar a experiência docente na escola de classe multisseriada no município de Nova Timboteua, onde se constatou uma das mais diferenciadas formas de ensino, a qual eu pude relacionar minha prática educativa com as ideias de diferentes autores especialistas em educação do campo. Ou seja, onde foi possível unir teoria e prática, podendo perceber como que acontece o ensino multisseriado. A educação rural é parte importante da cultura de um povo, e na comunidade onde minha escola está inserida, busca-se por meio dela promover cidadania, conhecimento e a preparação do sujeito para a vida.

Dentre as dificuldades encontradas neste estudo pode-se citar a falta de formação do professor da escola rural; os desafios enfrentados com relação à proposta pedagógica de educação do campo, assim como a construção de um novo PPP (Projeto Político Pedagógico) voltado para o contexto rural; e a jornada de trabalho que muitas das vezes o professor se obriga assumir para conseguir melhor remuneração. Outra dificuldade detectada é a desvalorização do ensino na escola do campo.

O campo, no contexto brasileiro apresenta um quadro resultante de políticas públicas insuficiente ou inadequada a sua realidade. Historicamente, o que é dado como direito da população em geral tem sido negado à população do campo, que vem amargando os piores índices socioeconômicos, como renda, analfabetismo e acesso as tecnologias, além de essa população ser relegada a uma educação precária, com currículos que não condizem com suas necessidades, com uma infraestrutura deficitária e com professores sem formação adequada. Faz-se necessário, então, compreender melhor esse contexto, que requer acesso às tecnologias a uma maior articulação entre a formação dos professores, as diferentes linguagens, a cultura digital e as práticas pedagógicas, de forma a proporcionar a compreensão da realidade do campo e as possibilidades que a tecnologia oferece para sua transformação (BONILLA e HALMAN, 2011, 286).

A necessidade de uma política pública de igualdade para ambas as realidades são fundamentais para que os docentes venham usufruir dos mesmos direitos. As políticas públicas devem ser suficientes para atender as necessidades das escolas do campo, principalmente no que se refere aos recursos tecnológicos que são de fundamental importância para o trabalho do professor e para o aprendizado do aluno.

A falta de formação do professor que atua em classes multisseriadas é uma situação agravante, pois muito se vê docentes sem capacitação atuando nesta modalidade de ensino, desenvolvendo atividades mal planejadas, sem orientação ou

apoio pedagógico, vindo refletir diretamente na formação de seus alunos. As questões levantadas acerca de tal problemática deveriam ser analisadas, discutidas e estudadas para que assim, fosse possível criar programas e curso de formação que viesse incluir estes docentes que passam por estes desafios.

Rocha e Hage (2010) também relatam que os professores não são adequadamente preparados para trabalhar nesta realidade, apresentando dificuldade em organizar o processo pedagógico nas classes multisseriadas. Fator esse que ocorre, muitas vezes, por trabalharem com a ideia de união de várias séries e, conseqüentemente, com a elaboração de tantos planos de ensino e de avaliação da aprendizagem diversificados para cada ano.

De acordo com os autores, de fato esta é uma das realidades que os professores que atuam com classes multisseriadas enfrentam na escola do campo. As dificuldades são contínuas, pois muitas das vezes estes profissionais não recebem apoio pedagógico e acabam tendo que dar conta de articular e planejar suas atividades e elaborar plano de aula sozinho.

Outra problemática levantada acerca deste trabalho são os desafios enfrentados pelos professores da escola do campo, em que Molina e Freitas (2012) discutiram a importância de articular os conhecimentos que os educandos têm o direito de acessar a partir do trabalho com a realidade, da religação entre educação com a cultura e com os conhecimentos científicos a serem aprendidos em cada ciclo da vida e de diferentes áreas do conhecimento.

Com isso, há a importância de se pensar numa proposta de ensino onde a escola do campo em articulação com a comunidade elabore seus próprios projetos, incluindo o contexto social do aluno, fazendo ligação da cultura com os conhecimentos que poderão ser produzidos a partir de sua própria realidade. Dessa forma, o ensino refletirá na vida do aluno, podendo este aprender de forma significativa.

A jornada de trabalho também foi uma das dificuldades levantadas neste estudo, e que está arraigada à vida do profissional da escola rural; ou seja, o docente que atua em classes multisseriadas, atendem várias séries na mesma sala, e no mesmo horário. De acordo com a visão de Gattes e Davis (1993), essa forma de trabalho, é dobrar a jornada diária do professor. Os teóricos expressam ainda que o professor que trabalha dessa forma deveria ter sua remuneração dobrada.

A professora vai para a cozinha. Define o lanche que será servido (se há lanche) e toma as primeiras providências. Pensa em como gostaria que alguém se responsabilizasse por esta tarefa, de início, assumir mais esta atividade, seja por suas inexperiências em lidar com os lanches, seja pelo tempo que tem de dispor para isso, junto com outras funções (FERRI, 1994, p. 52-53).

O ensino na escola rural leva muita das vezes o professor vivenciar essas experiências; muitos veem essa prática docente como uma opressão à vida profissional. Talvez, seja esse um dos motivos que leva a educação do campo a rejeição. Com isso, muitos professores da educação básica se recusam a trabalhar com esta modalidade ensino. A partir disso, é possível entender o que leva a desvalorização do ensino na escola do campo na sociedade brasileira; a falta de compromisso dos órgãos públicos governamentais; poucos investimentos, insensíveis aos direitos dos cidadãos.

É necessário investimento na educação como um todo, começando com a formação dos docentes que atuam nesses espaços para que, a partir da compreensão dos fundamentos teóricos dessa concepção possam lançar mão de estratégias pedagógicas intencionais que impulsionem a aprendizagem de seus estudantes, garantindo o acesso aos conhecimentos historicamente sistematizados. Ampliação das escolas, tanto em áreas urbanas como no campo, e forte investimentos em equipamentos pedagógicos de qualidades que sejam acessíveis a todas as instituições de ensino. Assim, os professores poderão se sentir motivados em sua profissão e conseqüentemente, os alunos alcançaram bons rendimentos educacionais. Por meio desses investimentos na educação e a partir do empenho da gestão escolar e dos educadores, será possível mudar a história da educação multisseriada.

Trabalhar a autonomia do aluno é uma das maiores preocupações da escola do campo e o ensino nas classes multisseriadas tem como objetivo proporcionar ao discente uma educação de qualidade, de transformar o aluno em sujeitos críticos, flexivos e capaz de tomar decisões. Este estudo tem também como objetivo refletir sobre o papel que é desempenhado pelo docente da escola rural. Em contrapartida, sabe-se que este profissional, muitas das vezes, enfrenta muitos desafios no sentido de educar. Pois não é fácil atuar em classes multisseriadas e, ao mesmo tempo, exercer funções diversificadas no que desrespeita a gestão escolar.

Os estudos de Molina e Freitas (2012) remetem a realidade da escola a qual faço parte, às dificuldades que são vivenciadas constantemente. Ao promover

atividades que envolvem a cultura do aluno, e fazendo ligação com as metodologias que são desenvolvidas no contexto escolar, pude perceber a importância de criar políticas públicas que poderá fortalecer o sistema de ensino em nossa região. As autoras discutem, ainda, os desafios existentes na educação do campo e ao mesmo tempo as possibilidades de articulação e organização do conhecimento que os educadores têm o direito de acessar a partir da cultura do sujeito. É possível relacionar o que os teóricos discutem a respeito do ensino nas classes multisseriadas com diversas escolas que envolvem a educação no campo; que se preocupa com a formação do discente. O presente estudo veio aprofundar ainda mais meus conhecimentos acerca do ensino na escola rural, pois muito se discute sobre esta temática, mas pouco se busca de forma aprofundada os teóricos que discutem tais conhecimentos.

É de grande valor poder envolver minha experiência docente como estudo e análise dentro de uma perspectiva acadêmica, podendo compreender de forma mais consistente o dia a dia do professor em sala de aula na escola de classe multisseriada; as metodologias adotadas, a organização do trabalho pedagógico em equipe, assim como o planejamento geral do ensino no município. Acrescento ainda, a preciosidade de ampliação do conhecimento que foi possível adquirir por meio das pesquisas realizadas e as leituras bibliográficas de diversos autores que fiz. Concomitantemente as experiências valorosas, há os desafios, sendo um deles, conciliar o tempo de estudo, trabalho e família, pois minha carreira profissional me leva a trabalhar em dois turnos, além de exercer o papel de esposa, mãe, catequista e coordenadora da Igreja local.

Destacando outra intempérie, utilizo-me da fala dos teóricos Fagundes e Martini, (2003), quando denunciam a desvalorização e a sobrecarga de trabalho do professor, que atende à demanda de várias séries e ainda desempenha todas as funções no âmbito da escola, desde a docência, passando pelo preparo da merenda, até a limpeza do estabelecimento. A fala dos autores me reportou a minha experiência no cotidiano da escola em minha comunidade, pois é dessa forma que exerço minha função e, com certeza, é a realidade de outras escolas de classes multisseriadas do município de Nova Timboteua.

Este estudo relata a importância da formação do professor que trabalha com classes multisseriadas, e seu preparo para o exercício da prática docente e formação de seus alunos. Vale dizer que esta modalidade de ensino exige que o

docente esteja qualificado para desempenhar o trabalho em sala de aula, no entanto, sabe-se que ainda existe escassez de profissionais capacitados que atuam neste campo educacional. Pois, muitos docentes não buscam se qualificar, não procuram renovar seus conhecimentos e acabam acomodados. Isso tem tornado a realidade da escola multisseriada cada vez mais difícil. Com isso, a importância de criar projetos e renovar metodologias para que o professor se envolva e participe, e assim consiga desenvolver suas atividades de maneira mais satisfatória.

A partir disso, é possível pensar na ampliação do ensino nas escolas multisseriadas, por meio de ações coletivas; fortalecendo a relação família e escola, além da elaboração de novas propostas de estudos, como a participação de todos na construção do PPP (Projeto Político Pedagógico), que fundamental para uma educação democrática. Dessa forma, se busca um ensino de qualidade para a escola do campo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi compreender de forma teórica e prática a realidade da educação no campo por meio dos desafios enfrentados pelo professor que atua em classes multisseriadas. Na sociedade atual, muitas escolas de educação rural não oferecem um ensino digno e nem estruturas adequadas aos seus alunos. Há uma grande falta de equipamentos pedagógicos como ferramentas de trabalho didáticos, espaços acessíveis e outros diversos fatores que acabam interferindo na formação dos alunos. A reformulação de um novo currículo escolar para a educação no campo poderia ajudar a diminuir as dificuldades que impossibilitam os professores de desenvolver melhor o seu trabalho.

O método utilizado para se chegar a tal resultado foi à junção entre teoria e prática, possibilitando a compreensão da educação multisseriada. Com a prática em sala de aula nas turmas multisseriadas os desafios são constantes, como espaço acessível as necessidade dos alunos, desenvolver práticas pedagógicas aos alunos de níveis de aprendizagem diferentes, assim como a falta de apoio pedagógico aos discentes com necessidades educacionais especiais.

A partir de pesquisas e leituras bibliográficas foi possível compreender na fala dos autores que a educação multisseriada precisa de uma olhar de igualdade por parte das políticas educacionais e tomada de decisões dos representantes em prol da melhoria da educação no campo. Com isso, o estudo da teoria veio fundamentar a ideia de que é preciso a construção de um currículo flexivo, que possa abranger as realidades das mais diferenciadas escolas do campo, suprimindo suas necessidades pedagógicas.

Uma das formas de solucionar tal problemática seriam as instituições de ensino inserir no plano de curso de licenciatura de formação aos professores disciplinas especificamente voltadas para educação multisseriada, assim como os governantes demonstrarem mais interesse pela educação investindo e criando projetos que viesse beneficiar as escolas, e principalmente as de classes multisseriadas. Assim, poderia tornar mais fácil o desenvolvimento do trabalho do professor, o que conseqüentemente contribuiria para o aprendizado do aluno.

Mas, para isso, seria necessário que a classe dos professores, principalmente os que atuam em escolas do campo se manifestassem em cobrar do ministro da educação novas reformulações do plano de ensino, apresentando-o um novo

modelo de currículo educacional que viesse contemplar os discentes com propostas inovadoras e investimentos educacionais como também capacitação de professores da educação básica, assim, como mais investimentos nas estruturas físicas das escolas e recursos tecnológicos. Com isso, o ministro da educação poderia está buscando apoio dos repartimentos governamentais em prol da melhoria da educação brasileira, promovendo cidadania e igualdade.

Assim, este estudo busca despertar na sociedade uma olhar de valorização e respeito aos discentes e aos profissionais da educação rural. É preciso entender que somente a educação é capaz de mudar a história de uma sociedade, portanto, é necessário que seja efetivada as políticas educacionais para que de fato as mudanças possam acontecer. Existe grande necessidade de construir uma proposta educativa diferenciada que atinja a organização das classes multisseriadas, haja vista que um dos principais problemas encontrados por estes professores neste campo de trabalho é conseguir desenvolver suas atividades pedagógicas de maneira satisfatória, onde seja possível de fato fazer escolarização. É importante entender que exercer o papel enquanto educador do campo vai além de ensinar os alunos, pois se entende que seja necessário a partir dos trabalhos na escola, na família e na comunidade escolar, fazer a diferença respeitando as existências de tempo e modos diversos de ser, viver e produzir.

A educação é essencial na construção da identidade do sujeito, na formação de sua cultura e na constituição da sociedade. É de fundamental importância repensar as metodologias que são aplicadas na educação do campo. Apesar das dificuldades, é importante ressaltar que ter vivido e está vivendo essa trajetória de vida, trabalho e experiência, tem me instruído a caminhar melhor, a ver a educação com outro olhar, a entender que a formação da criança depende de nossa prática enquanto educador.

Vale ressaltar que durante toda essa trajetória, vivenciei muitos momentos positivos, entre tantos citados aqui e outros que vão se perpetuando em minha memória, mas preciso frisar que vivenciei e às vezes vivencio momentos difíceis, mas que no decorrer do tempo vou vencendo e aprendendo a conviver com eles. Afinal, todos esses acontecimentos e experiências contribuem para minha formação e proporcionando-me mais conhecimentos para minha vida profissional enquanto docente das classes multisseriadas.

Dessa forma, é possível dizer que fazer parte desta missão, no campo educacional tem sido uma experiência impar para minha carreira profissional e minha vida em sociedade. Gosto do que faço e aprendo todos os dias que a vida só tem sentido se vivermos superando desafios, e é isso que fazemos todos os dias. Portanto, para minha formação acadêmica, posso dizer que este trabalho vem ser uma contribuição significativa, uma experiência prazerosa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. B. A educação rural como processo civilizador. In: **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2005.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna, (organizadores). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARRY, Chris. **Achievement effects of multigrade and monograd primary schools in the Tueks and Caicos Islands**. International Journal of Educational Development, v. 21, p. 537-552, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 2010.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 27/02/2014.

BRUINI, Eliane da Costa. **Educação no Brasil**, Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>>. Acesso em 16 de setembro de 2018.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Educação do Campo: campo, políticas públicas, educação**. Brasília: INCRA; MDA, 2008. P. 67-86.

CHAVES, Silva Matos Kênia; FOSCHIERA, Antonio Atamis. **Práticas de Educação do Campo no Brasil: escola e família agrícola, casa familiar rural e escola itinerante**. Revista Pegada – vol. 15 n.2, dezembro/2014.

D'AGOSTINI, Adriana; TAFFAREL, Celi N. z.; SANTOS JÚNIO, Cláudio Lira. Escola Ativa. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. P. 313 – 324.

DRUZIAN, F & MEURER, A. C. **Escola do Campo Multisseriada: experiência docente**. IN Geografia Ensino & Pesquisa, 2013, p. 129 – 146.

FAGUNDES, José; MARTINI, Adair CESAR. **Políticas Educacionais: da escola multisseriada à escola nucleada – Olhar de Professor**. Ponta Grossa, 6(1): p. 99-118 2003.

FREITAS, Luiz Carlos. A Escola Única do trabalho: explorando os caminhos de sua construção. In: CALDART, Roseli Salete (Org.). **Caminho para a Transformação da Escola: reflexão desde práticas da licenciatura em educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. P. 149 – 162.

GATTI, Bernadete Angelina; DAVIS, Cláudia. Questões sobre o desempenho de alunos de escolas rurais no Nordeste e seu contexto sociocultural. In: THERRIEN, Jacques; GHIRALDELLI JUNIOR, P. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Por uma escola do campo de qualidade social: transgredindo o paradigma (multi) seriado de ensino**. Brasília, v. 24, n. 85, p. 97-113, abr/ 2011.

JONATA, N. E. & ANHAIA, E. M. **Escolas/ Classes Multisseriadas do Campo: reflexões para a formação docente**. IN Educação & Realidades, Porto Alegre, 2015, p. 1 – 20.

JUNIOR, Cardoso. S. Waldemar. **Alfabetização na Educação do Campo: relatos de professores de classes multisseriadas da Ilha de Marajó**, São Paulo, 2009.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. **A prática Pedagógica Histórico-Crítica na Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MOLINA, Mônica Castagna; FREITAS, Helena Célia de Abreu. **Avanços e desafios na construção da Educação do Campo** (Unb). Revista em Aberto, Brasília, v 24, n. 85, p. 17 -37, abr/2011.

_____. Mônica C. **Educação Popular e Movimentos Sociais: tensões e desafios para a América Latina**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32, 2009, Caxambu. Anais... Caxambu, 2009.

SCALCON, Suze. **À Procura de Unidade Psicopedagógico: articulando a psicologia histórico-cultural com a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.